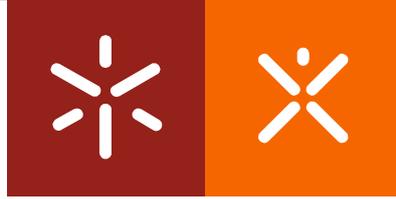




Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ângela Raquel Machado Teles

**O papel do Encarregado de Educação
na autorregulação do aluno no contexto
do ensino da viola d'arco**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ângela Raquel Machado Teles

**O papel do Encarregado de Educação
na autorregulação do aluno no contexto
do ensino da viola d'arco**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho Efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Luís Pipa

DECLARAÇÃO

Nome: Ângela Raquel Machado Teles

Endereço eletrónico: angelarmteles@gmail.com

Título do Relatório: “O papel do Encarregado de Educação na autorregulação do aluno no contexto do ensino da viola d’arco”

Supervisores: Professor Doutor Luís Pipa

Designação do Mestrado: Mestrado em Ensino de Música

Ano de conclusão: 2014

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____/_____/2014

(Ângela Raquel Machado Teles)

Agradecimentos

O percurso realizado durante o processo do Estágio Profissional foi enriquecido pela colaboração indispensável de diferentes pessoas que merecem o meu agradecimento e admiração.

Aos meus pais devo todo o percurso desde que toquei as primeiras notas. Todo a jornada académica que culminou neste Mestrado se deve ao esforço e dedicação que ofereceram aos seus filhos e à sabedoria que transmitiram ao longo da vida.

Às minhas irmãs pela sua preocupação e ajuda na elaboração deste Relatório e pela força que me deram durante todo o processo, em todos os seus momentos, bons e maus.

Ao André, pelo seu carinho e presença, que sempre me deram ânimo para ir mais longe e não ter receio de alcançar mais neste Mestrado e pela partilha de experiências ricas de vida.

Ao Professor Doutor Luís Pipa pela orientação e partilha de opinião e experiência, essenciais para todo o processo que culminou neste Relatório de Estágio.

À professora Teresa Correia, a quem admiro como violonista e professora, pela sua constante disponibilidade e preocupação em ajudar os seus alunos e por todos os conhecimentos que me transmitiu desde a primeira aula. Devo muito da minha experiência aos seus ensinamentos.

Ao professor Dírio Alves, por me receber na sua classe e pela partilha da sua experiência.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, que contribuíram para me dar alento para realizar este Projeto que foi o Mestrado e o Estágio Profissional.

Ao Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, por me receber na sua família, onde apliquei o meu Projeto e realizei o meu Estágio Profissional.

Não poderia de deixar de agradecer aos alunos, aos Encarregados de Educação e aos professores que ofereceram o seu contributo essencial para que o Projeto se desenvolvesse e culminasse neste Relatório de Estágio.

Resumo

A educação é a base da sociedade. Nenhum ser humano vive em sociedade se não se rege pelo código de condutas que permitem o sucesso das relações humanas.

Por tal, o Homem deve trabalhar em harmonia para que a educação cresça no sentido de formar indivíduos conscientes, tolerantes e cultos, para que, juntos, construam um futuro estável e rico.

Educar os nossos alunos deve seguir este pensamento. A educação de uma criança é rica nas várias vertentes que a preenchem. Neste contexto, falo do ensino da música.

É constantemente discutido o valor que a educação pela música tem para o crescimento mental e pessoal da criança. Na maioria, as opiniões convergem para o facto de que a música tem um valor enorme para a educação da criança. É neste sentido que muitos pais colocam os seus filhos em contextos que alimentem esta educação pela música.

Um dos objetivos do ensino, não só da música, mas em geral, é educar a criança para uma aprendizagem autónoma e confiante, no intuito de formar um cidadão consciente de si e da sua missão na sociedade em que vive.

Neste Projeto foi explorada uma das vertentes discutidas nos diferentes estudos, a autorregulação. Mais especificamente, abordei o tema *O papel do Encarregado de Educação na autorregulação do aluno, no contexto do ensino da viola d'arco*.

O Projeto desenrolou-se através das aulas assistidas e posteriormente lecionadas do estágio profissional. Neste mesmo contexto, a exploração do tema do Projeto passou essencialmente por questionar e posteriormente analisar inquéritos por questionário a três agentes intervenientes no Projeto. Alunos, os seus Encarregados de Educação e Professores.

Os questionários foram feitos em três fases diferentes. Questionário inicial aos alunos (no início das aulas lecionadas no estágio profissional) e ao mesmo tempo aos Encarregados de Educação. Durante o estágio profissional foi feito um questionário semanal aos alunos. No final, foi feito um questionário final aos alunos e um questionário a professores de diferentes instrumentos. O questionário foi a ferramenta principal usada no estudo apresentado.

Num ambiente de colaboração entre mim e os diferentes intervenientes no estágio e Projeto, foi possível elaborar o presente relatório de estágio.

Palavras-chave: autorregulação, educação, motivação, autoeficácia, aluno, Encarregado de Educação, música, viola d'arco, ensino da música, instrumento, estudo.

Abstract

Education is the foundation of society. No human being lives in society if he doesn't rule himself by the behavior code that allows success in human relations.

For that, Man has to work in harmony that education grows in a way to form conscious, tolerant people that may, together, build a stable and fulfilling future.

Educating our students must follow this thought. A child's education is rich in their different components. In this context, I am referring to music education.

There is a permanent discussion on the value of music education toward the mental and personal growth of a child. Still, the majority of people do believe that music bears a enormous value to a child's education. In this way, many parents place their children in contexts that nourish music education.

One of the goals of education in general, not just music education, is to educate the child through an autonomous and confident learning process, in order to form a citizen conscious of himself and his mission within the society he lives in.

In this project, I explored one of the components that appears in diferente specialized studies, the self-regulation. More specifically, *The role of the guardian in the student's self-regulation, in the context of viola teaching*.

The Project was developed through assisted and subsequently given lessons in the contexto of the professional internship. In this same context, the exploration of the projet's theme consisted essentially of applying questioning and subsequently analyzing inquires per questionnaire to three intervening agents in the projet: Students, Guardians and Teachers.

The questionnaires were carried out in three diferent moments: an inicial questionnaire to students and their guardians in the beginning of the lessons given within the professional internship. Throughout the professional internship, a weekly questionnaire was made to the students; towards the end of the projet, a final questionnaire was done to both students and to teachers of different instruments.

The questionnaire was the main tool used in the presented projet.

Within a collaborative environment between myself all and the internship and project participants, it was possible to elaborate the present internship report.

Key-Words: self-regulation, education, motivation, self-efficacy, student, guardian, music, viola, music education, instrument, study.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice de gráficos	xi
Índice dos anexos.....	XIII
1. Introdução	15
2. Contextualização da intervenção	19
2.1. Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga	19
2.2. Turmas e alunos	21
2.3. Caracterização dos alunos intervenientes no estágio profissional	21
2.3.1. Aluno A, 6º ano, 2º Grau.....	22
2.3.2. Aluno B, 4º ano, Elementar IV	23
2.3.3. Aluno C, 9º ano, 5º Grau.....	24
2.3.4. Naípe do 2º ciclo.....	24
2.4. Tema do Projeto.....	25
2.5. Questionários.....	27
2.5.1. Questionários aos alunos	27
2.5.2. Questionários aos pais	28
2.5.3. Questionários aos professores	28
3. Revisão da literatura	31
3.1. O que é autorregulação?	31
3.2. Ferramentas que autorregulam.....	33
3.3.1. O professor	35
3.3.2. Encarregados de Educação ou pais.....	39
4. Desenvolvimento e avaliação da intervenção.....	43
4.1. Estágio profissional - intervenientes.....	43
4.1.1. Aluno A, 6º ano, 2º Grau.....	43
4.1.2. Aluno B, 4º ano – Elementar IV	47
4.1.3. Aluno C, 9º ano – 5º Grau.....	50
4.1.4. Naípe do 2º ciclo.....	54

4.2.	Metodologia de recolha de dados.....	57
4.3.	Questionários e análise de dados.....	58
4.3.1.	Questionário inicial aos alunos.....	58
4.3.2.	Questionário aos Encarregados de Educação.....	66
4.3.3.	Questionários semanais aos alunos.....	75
4.3.4.	Questionários finais aos alunos.....	76
4.3.5.	Questionários aos professores.....	82
5.	Conclusão.....	95
	Referências bibliográficas.....	97
	Documentos.....	98
	Projeto Educativo do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga.....	98
	Página Web.....	98
	Anexos.....	99

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Quem é o teu Encarregado de Educação?.....	58
Gráfico 2 – O teu Encarregado de Educação costuma participar no teu estudo de viola d'arco?..	59
Gráfico 3 – Quem tem a iniciativa que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo de viola d'arco?.....	60
Gráfico 4 – Como é que o teu Encarregado de Educação/Outro participa no teu estudo de viola d'arco?	61
Gráfico 5 – Achas importante que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo?	62
Gráfico 6 – Que nível de importância atribui ao acompanhamento dado pelo Encarregado de Educação no estudo de viola d'arco do seu educando?	66
Gráfico 7 – Assume um papel ativo no estudo de viola d'arco do seu educando?	68
Gráfico 8 – O seu educando costuma ter a iniciativa para estudar viola d'arco?	69
Gráfico 9 – O seu educando faz pequenas audições em casa, como parte de uma preparação para tocar para um público e para mostrar o seu trabalho?	70
Gráfico 10 - Como participa no estudo de viola d'arco do seu filho?	71
Gráfico 11 - Participando ativamente no estudo do seu educando, sente que essa participação tem alguma importância no empenho e estima do seu educando?	72
Gráfico 12 - Sente diferença quando participa no estudo de viola d'arco do seu filho e quando não participa?	73
Gráfico 13 - Como caracteriza, baseado na sua experiência, a influência do Encarregado de Educação no estudo de instrumento de um aluno?	73
Gráfico 14 - Agora que chegamos ao final do ano, como classificas a importância que o teu Encarregado de Educação teve no teu estudo de instrumento?	76
Gráfico 15 - Em que aspeto(s) pensas que foi importante a influência do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo da viola d'arco?	78
Gráfico 16 – O acompanhamento do teu Encarregado de Educação/Outro foi constante este ano letivo?.....	79
Gráfico 17 – O teu Encarregado de Educação assistiu às tuas audições/Concertos?	80
Gráfico 18 – É importante para ti continuar a ter essa influência, essa ajuda do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo?	81
Gráfico 19 – Como classifica a sua relação com os Encarregados de Educação dos seus alunos?	82

Gráfico 20 – Como classifica a importância que pode ter o acompanhamento do Encarregado de Educação no estudo em casa do aluno?	84
Gráfico 21 – Segundo a sua experiência, quais são os anos/anos que revelam mais dependência desse acompanhamento?	87
Gráfico 22 – Qual acha que deve ser o papel do Encarregado de Educação neste acompanhamento no estudo?	89
Gráfico 23 – Como classifica a importância do contacto entre o professor e Encarregado de Educação, no sentido de incentivar a colaborar e participar no estudo dos seus alunos?	91
Gráfico 24 – Qual pensa ser o(s) melhor(es) métodos para manter esse incentivo em relação aos Encarregados de Educação?	92

Índice dos anexos

Anexo 1 – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação para a utilização dos dados dos alunos dos questionários no Relatório de Estágio	99
Anexo 2 – Questionário Inicial aos alunos	100
Anexo 3 – Questionário aos Encarregados de Educação	102
Anexo 4 – Questionário semanal aos alunos	104
Anexo 5 – Questionário final aos alunos	105
Anexo 6 – Questionário aos professores	107

1. Introdução

Educar é uma arte. A arte de criar uma pessoa íntegra¹.

Carlos Fregtman

O Projeto foi elaborado no âmbito da unidade curricular de estágio profissional do 2º ano do ciclo de estudos, incluído no Mestrado em Ensino de Música, no ano letivo de 2013/2014.

O conceito de autorregulação teve sempre um lugar importante na educação do aluno. A procura da capacidade do aluno de ser autónomo no seu estudo é um dos objetivos no ensino, neste âmbito mais especificamente no ensino do instrumento.

“Autorregulação da aprendizagem é a capacidade de planejar o próprio estudo e tornar-se participante ativo do próprio processo de aprendizagem musical sendo de extrema relevância, pois, favorece o alcance de melhores níveis de performance instrumental” (Santiago, 2006, como citado em Cavalcanti, 2009, p.13). Para o músico, a aquisição deste tipo de competência é tão importante como a aquisição de competências auditivas ou motoras e são determinantes para um bom desempenho (Hallam, 2001, como citado em Cavalcanti, 2009)” (Cavalcanti, 2009).

Mas o âmbito do Projeto engloba apenas uma parte da autorregulação do aluno. Qual o papel, a influência do Encarregado de Educação neste processo? Tem influência na evolução do aluno o facto de o Encarregado de Educação intervir e participar no seu estudo? Com o Projeto procurei respostas para esta questão, através da observação das aulas, lecionando as aulas e aplicando em diferentes momentos do estágio inquéritos, mais especificamente questionários, aos alunos, aos pais e aos professores de diferentes instrumentos.

Outra questão que surge neste Projeto é em que fase da educação (idade, ano ou grau, ciclo, etc.) é que se justifica este papel?

" (...) uma implicação importante deste e de estudos relacionados é que os efeitos do envolvimento parental no sucesso musical pode variar com a idade do aluno."² (Zdzinski, 1992 como citado em Creech, 2006, p. 48)

¹ Retirado do Projeto Educativo do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga

² " (...) an important implication of this and related studies is that parental involvement's effects upon musical achievement may differ with student age"² (Zdzinski, 1992 in Creech, 2006, p. 48)

Explorei esta questão no Projeto lecionando e aplicando os instrumentos de recolha de dados em contextos de alunos de ciclos diferentes.

Pela experiência que fui vivendo, como estagiária e como docente, a participação dos Encarregados de Educação no estudo do educando é procurada pelo professor.

Mas em que medida(s) é que este papel se justifica?

“A pesquisa sobre educação musical, até à data, tem providenciado muitas evidências convincentes que o envolvimento parental nos anos iniciais da aprendizagem instrumental é de facto ligado à realização musical. Anos de pesquisa educacional semelhante, teoria e sabedoria sustentam esta visão, sugerindo solidamente que o envolvimento parental na escolaridade formal das crianças é vital para o seu sucesso escolar” (Baker, 1997 como citado em Creech, 2006, p. 37).

Através dos métodos de recolha de dados atrás mencionados, procurei resposta a questões como qual o papel que o Encarregado de Educação deverá desempenhar no estudo do educando. Aqui procurei a visão dos dois lados, do aluno e do Encarregado de Educação, para comparar as versões de cada um e ter a noção de qual a ideia que cada sujeito tem deste tema.

Procurei também ter acesso à opinião de professores a este respeito. Não estaria completo este Projeto sem a visão do sujeito que tem contacto mais direto com as influências que os Encarregados de Educação podem ter participando no estudo dos seus educandos. Através dos questionários, procurei recolher opiniões e experiências de outros professores para melhor responder à questão que o tema do Projeto coloca.

Neste estudo recorreu-se a uma amostra não probabilística por conveniência. Este tipo de amostragem não é representativa da população, já que consiste em selecionar as unidades da amostra mais convenientes para alcançar os objetivos do nosso estudo e responder às hipóteses formuladas. Na verdade, não é objetivo deste estudo generalizar os resultados da amostra à população de onde a mesma foi retirada, mas sim proceder a uma análise exploratória dos dados recolhidos.

O presente relatório visa relatar e avaliar resultados do Projeto implementado no contexto do estágio, através de uma revisão literária, onde explorarei o tema da autorregulação, as principais temáticas dentro da autorregulação e explorarei os papéis que dois agentes assumem no estudo instrumental do aluno: o professor e o Encarregado de Educação.

³ No texto original, “Music education research, to date, has provided much compelling evidence that parental involvement in the early years of instrumental learning is indeed linked to musical achievement. Years of related educational research, theory and wisdom sustain this view, strongly suggesting that parent involvement in children’s formal schooling is vital for their academic achievement” (Baker, 1997 in Creech, 2006, p. 37).

O relatório começa com uma descrição e contextualização da instituição de ensino onde decorreu o estágio profissional, o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, seguido de uma descrição dos anos de escolaridade dos alunos com quem trabalhei neste Projeto. Especifico os casos dos alunos e naipes do estágio profissional, com a intenção de expor o trabalho feito no âmbito do estágio profissional, porque neste Projeto, para efeitos de recolha e posterior análise de dados, incluí os meus próprios alunos dessa mesma instituição, onde lecionei no mesmo ano letivo. Apenas o caso dos alunos de estágio é aqui explorado e apresentado mais pormenorizadamente, na medida em que incluo uma descrição de cada aluno e, num capítulo posterior, algumas planificações de aulas e respetivos relatórios.

Após esta contextualização do espaço e dos intervenientes no estágio profissional e Projeto, explico qual o tema do Projeto de forma resumida e concisa, seguido de uma exposição do método que utilizei para a recolha de dados, onde descrevo qual a finalidade de cada questionário.

Segue-se o capítulo de contextualização teórica onde o tema do Projeto é analisado, por partes, com fundamentação literária e teórica. Neste capítulo há três pontos essenciais:

- O que é a autorregulação?
- Ferramentas que desenvolvem a autorregulação (motivação, autoeficácia, etc.)
- Agentes envolvidos no processo de autorregulação.

Outro grande capítulo se apresenta posteriormente, onde exponho, detalhadamente, cada passo dado neste Projeto, durante o estágio profissional.

Este capítulo é o mais extenso de todo o relatório, em grande parte devido à análise minuciosa que apliquei nos questionários de todos os intervenientes. Esta análise serve como suporte do que defendo durante o relatório, baseado em experiências reais de agentes que estão envolvidos diretamente no processo autorregulatório, estudado neste Projeto.

Para terminar, apresento as minhas conclusões e partilho a minha experiência no capítulo de conclusão, expondo qual a importância que este estágio e a exploração deste tema tiveram para mim como professora e como música.

2. Contextualização da intervenção

2.1. Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga⁴

O Projeto foi implementado no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga.

Foi inaugurado no dia 7 de Novembro de 1961, tendo como fundadora Adelina Caravana, começando como uma escola particular e de carácter associativo. Neste âmbito, o Conservatório de Música de Braga beneficia do apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

O Ministério torna o Conservatório numa *Escola Piloto de Educação Artística* (Ao abrigo do Decreto-lei n.º 47587, de 10 de Março de 1967).

A partir de Outubro de 1971, no ano letivo correspondente, tendo a Fundação disponibilizado as instalações ao Ministério de Educação, foi criada uma *Escola Piloto* com ensino Pré – Primário, Primário, Ciclo Preparatório e Liceal, a secção de Música com cursos complementares e curso superior de Piano, secção de Ballet, secção de Artes Plásticas e Fotografia e secção de Arte Dramática. A direção ficou ao cargo do Liceu D. Maria II. Nesta etapa do crescimento desta escola, passa a usufruir do regime que hoje conhecemos no Conservatório.

Com este passo dado, o Conservatório procurou ter autonomia, para permitir que a escola evolua e tenha uma melhor direção, procurando a separação do Liceu atrás referido e oficializando os cursos de Artes Plásticas e Fotografia e da Pré-Primária.

Em Abril de 1982 finalmente é criada o Conservatório Calouste Gulbenkian (Pelo Decreto-lei n.º 114/82, de 12 de Abril), designada de estabelecimento de ensino especializado da música, já referindo o ensino primário, preparatório e secundário, independente do Liceu e passando a ser uma escola autónoma.

No dia 1 de Julho de 1983, o Decreto-lei n.º 310/83 é publicado. Tem como objetivo estruturar o ensino das Artes ao nível da regulamentação do ensino integrado básico e secundário e do ensino superior. Com este Decreto-lei, é retirado o estatuto de ensino superior aos Conservatórios. Ao mesmo tempo surgiram as Escolas Superiores em Lisboa e Porto.

Surge a Portaria n.º 294/84, de 17 de Maio, onde se definem as disciplinas e carga horária do plano de estudo neste regime de ensino. São estabelecidos os obrigatórios testes

⁴ A caracterização do Conservatório baseia-se no Projeto Educativo do próprio e na página Web do Conservatório.

vocacionais, no 1º ano e no 5º ano e estruturas que permitam a exclusão de alunos não aptos para o ensino vocacional de música.

Em 1986, o Conservatório passa a ser designado como uma Escola C+S, juntamente com algumas alterações, nomeadamente no corpo docente da formação geral, onde é criado um grupo de professores efetivos.

Para iniciar o processo de estabelecer uma Escola de Ensino Especializado em Música, são criados novos planos curriculares para o 1.º, 5.º e 7.º ano, fortalecendo a componente artística da música, sendo publicado a Portaria n.º 1196/93, de 13 de Novembro que decreta o funcionamento até 2009. Este novo âmbito foi de extrema importância para o ensino de música.

São criados, com a Portaria n.º 225/2012, de 30 de julho, o Curso Básico de Dança, o Curso Básico de Música e o Curso Básico de Canto Gregoriano do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico.

A 5 de julho de 2012 era publicado o Decreto-lei n.º 139/2012, estabelecendo os princípios que orientam os currículos do ensino secundário, dando ênfase à autonomia e organização das escolas. É criado o Curso Secundário de Música, onde se encontram as vertentes de Instrumento, Formação Musical e Composição; o Curso Secundário de Canto e o Curso Secundário de Canto Gregoriano, com a aprovação dos respetivos planos de estudos em regime integrado e supletivo (Portaria n.º 243-A/2012, de 13 de Agosto).

Atualmente, para situar em que linha o Conservatório trabalha, é uma escola pública de ensino básico e secundário, que faculta formação especializada no ensino artístico, mais especificamente ensino de música, nos três ciclos do Ensino Básico e Secundário.

Os seus planos curriculares são desenvolvidos de acordo com as necessidades do contexto de ensino onde se insere, diferenciando-se, portanto, do ensino na generalidade das escolas.

Como Escola Artística, o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga apresenta uma elevada procura, devido ao seu alto nível de ensino técnico, artístico e de exigência, que apresenta níveis de sucesso educativo, através de provas, concursos e concertos e outras apresentações em público.

O Conservatório pretende educar alunos e futuros profissionais com consciência, cidadania e elevados valores de trabalho, de arte e principalmente com uma educação musical que se prolongue por toda a sua vida, num ambiente de respeito por si, pelo outro e pela arte.

2.2. Turmas e alunos

No contexto de estágio trabalhei com três alunos de ciclos diferentes. Um aluno do 4º ano, turma A, Elementar IV (1º ciclo), um aluno do 6º ano, turma A, 2º Grau (2º ciclo) e um aluno do 9º ano, turma A, 5º Grau (3º ciclo) e o Naípe de Viola d'Arco do 2º ciclo. O facto de cada aluno frequentar um ciclo diferente foi importante para o Projeto, na medida em que me permitiu avaliar o papel do Encarregado de Educação em diferentes fases de educação de um aluno. Foi uma das questões estudadas neste Projeto.

No entanto, tendo em conta que três alunos não constituem uma amostra suficiente para obter resultados suficientemente representativos, optei por implementar os questionários também aos meus alunos e aos seus Encarregados de Educação, como docente da mesma escola onde o Projeto foi implementado.

Estes alunos foram incluídos no estudo apenas com propósito de aumentar a amostra com a qual trabalhei e que frequentavam os seguintes níveis:

- Dois alunos do 3º ano, um da turma A e outro da B, Elementar III (1º ciclo);
- Um aluno do 4º ano, turma B, Elementar IV (1º ciclo);
- Dois alunos do 5º ano, um da turma A e outro da B, 1º Grau (2º ciclo);
- Um aluno do 6º ano, turma B, 2º Grau (2º ciclo);
- Um aluno do 7º ano, turma C, 3º Grau (3º ciclo);
- Três alunos do 8º ano, um da turma B e dois da turma C, 4º Grau (3º ciclo);
- Um aluno do 9º ano, turma A, 5º Grau (3º Ciclo).

2.3. Caracterização dos alunos intervenientes no estágio profissional

Para efeitos de proteção da identidade e dos dados dos alunos, não serão expostos os seus nomes neste Relatório. Optei por designar os três alunos por **Aluno A, B e C**.

O naípe de violas não foi incluído na vertente dos questionários por não haver uma relação de proximidade com os alunos como existe nas aulas individuais, nem ser possível nesta aula obter uma noção da evolução do aluno no âmbito da autorregulação de uma forma suficientemente concreta e precisa. Outra razão passa pelo facto de muitos alunos do naípe estarem presentes na amostra de alunos deste Projeto.

2.3.1. Aluno A, 6º ano, 2º Grau

O aluno A frequenta o 6º ano, ou seja, o 2º grau do Conservatório.

O aluno revela que o seu estudo é escasso e mal organizado, chegando a muitas das aulas com o programa mal preparado e esquecido.

Em contexto de aula (aqui menciono apenas as aulas de estágio, que normalmente era mais técnica, onde se trabalhavam escalas e estudos), revela uma boa capacidade de entendimento das atividades propostas pelo professor, responde muito bem aos desafios, corrige com facilidade os erros que lhe são apontados, trabalho que é depois deixado de lado e esquecido devido aos problemas que demonstrava com a falta de estudo.

Tecnicamente, o aluno mostra facilidade na mão esquerda quando incentivado a estudar e a executar os exercícios propostos nas aulas, adaptando-se e corrigindo facilmente a afinação, articulação, postura e outros aspetos técnicos trabalhados na aula.

A mão direita não está tão bem trabalhada como a esquerda (mais uma vez consequência da falta de prática fora das aulas de instrumento). É bastante tensa por vezes, principalmente em passagens mais complicadas dos estudos ou peças trabalhadas, tendo a tendência a adquirir uma postura errada. Com insistência e atenção, o aluno corrige e atende aos conselhos dos professores.

Na aula seguinte, normalmente, o trabalho da aula anterior é esquecido.

Durante o período de estágio, o aluno foi evoluindo bem, mas não de forma progressiva. Tinha muitos altos e baixos e o esforço maior era feito quando as provas de final de período ou audições se aproximavam.

É importante sublinhar que o aluno em questão vivia, no período de estágio, num contexto de problemas familiares, que contribuíram para a desorganização e problemas na sua preparação para as aulas. Devido a esta situação muito complicada, o aluno não tinha qualquer ou escasso acompanhamento no seu estudo em casa.

Em geral, é um aluno que mostrava muitas capacidades, afinidade com o instrumento e facilidade de compreensão e execução das tarefas feitas em aula. Claramente o que carece neste caso é o acompanhamento e o estudo em casa.

Sublinho que nas aulas os alunos têm uma ferramenta essencial para alunos e a componente do estudo e autorregulação em casa, o *Diário da Viola*, criado pelo professor cooperante. O diário é constituído por diferentes partes, onde está o horário do aluno, um calendário onde o aluno pode registar o seu estudo e o respetivo tempo, com a assinatura do

Encarregado de Educação, uma parte onde se regista o programa a fazer durante o ano, registar as provas (data, programa, nota, sala e hora) e a parte mais extensa, onde o professor escreve o trabalho para o aluno fazer e a nota que lhe dá e onde o aluno pode autoavaliar-se e onde o Encarregado de Educação assina. Este diário é feito pelo professor e adquirido pelo aluno como um auxiliar na organização dos objetivos propostos na aula. Em cada aula é escrito, normalmente pelo professor, o que o aluno deve estudar para a aula seguinte. Incluí uma avaliação que professor e aluno fazem do trabalho feito.

Este livro é consultado em todas as aulas e assinado pelo Encarregado de Educação como confirmação do cumprimento dos objetivos.

Esta é uma ótima ferramenta para o aluno que trabalha a sua autorregulação.

No caso deste aluno, o *Diário da Viola* é muitas vezes trazido para a aula sem assinar e sem o aluno ter olhado para ele, como o próprio admite.

2.3.2. Aluno B, 4º ano, Elementar IV

O aluno B frequentava o 4º ano de escolaridade, ou seja, Elementar IV do Conservatório.

O aluno demonstra ser bastante irrequieto e tem de ser constantemente chamado à atenção.

É um aluno com muitas capacidades e facilidades, com um nível técnico avançado para a idade e grau que frequenta. Possui uma excelente postura, boa técnica tanto da mão esquerda como direita, revelando, em certas situações, alguns problemas a nível de técnica do arco, por exemplo em passagens mais complicadas das peças que estudava no período de estágio.

Saliento que este aluno, por ser do ensino primário, dividia a aula com outro aluno, ou seja, tinha 25 minutos de aula. Dado o tempo que tinha de aula, a evolução que atingia durante a mesma era muito boa.

O facto de o aluno ser irrequieto interfere um pouco no seu trabalho. Por exemplo, tem a tendência para tocar demasiado rápido certas passagens que precisam de ser trabalhadas de forma lenta e controlada. O aluno não se controla, tentando constantemente “correr” nas passagens a estudar.

Quando se controla, o aluno demonstra uma excelente capacidade de compreensão dos exercícios/tarefas propostas e muita facilidade em executá-las.

É um aluno muito comunicativo, com boa disposição e interessado. Tem nitidamente uma grande afinidade com a viola d'arco e muito gosto em tocar e aprender mais.

É importante mencionar que o aluno em questão é bastante bem acompanhado pelos pais, o que se denota na sua organização e no seu Diário da Viola, que vem sempre assinado pelo Encarregado de Educação.

2.3.3. Aluno C, 9º ano, 5º Grau

O aluno C frequentava o 9º ano de escolaridade, ou seja, 5º grau do Conservatório.

É um aluno muito trabalhador, apresenta sempre tudo estudado e revela muitas facilidades. É um aluno aplicado e interessado em aprender e aproveitar a aula e não tem dificuldades em responder prontamente aos desafios que lhe são propostos.

Em termos de postura na aula, o aluno é bastante reservado e não comunica muito, revelando muita timidez. Mostra alguma insegurança e tensão quando toca, o que o prejudica na sua relação com o público, com um júri ou noutros contextos em que se apresente.

Em termos de técnica, a tensão é inimiga deste aluno. Apesar da boa mão esquerda, a tensão na mão, principalmente no polegar (que provoca pouca flexibilidade e fecha muito a mão) interfere com a afinação. Nas mudanças de posição, o aluno revela alguma dificuldade em entender em que posição está a tocar, a mecânica necessária para o sucesso da mudança de posição revela-se insuficiente, resultando numa mudança de posição confusa e de desafinada.

Com um trabalho mais concentrado em aula, estes problemas são ultrapassados com facilidade e o aluno ganha visivelmente mais confiança. Uma qualidade excelente neste caso é que o aluno ouve, compreende e põe em prática o que lhe é ensinado. O importante para evoluir é conseguir confiar e descontrair mais, criar uma relação de maior intimidade com a viola d'arco para conseguir mostrar a sua personalidade.

O aluno tem um som muito doce, volumoso e forte, tem expressividade e musicalidade (por vezes influenciado negativamente pela tensão, exagerando na força, o que resulta num som rasgado e forçado) e nota-se que começa a haver uma certa maturidade na interpretação das obras trabalhadas.

Em termos de estudo em casa e autorregulação, o aluno é bastante independente, responsável pelo seu estudo.

2.3.4. Naípe do 2º ciclo

Em geral, os alunos não apresentavam graves dificuldades, surgindo alguns problemas de vez em quando durante as aulas em casos específicos, principalmente entre os alunos do 5º

ano. Globalmente o comportamento era bom, respeitador das indicações dos professores. Apesar de algum mau comportamento quando se mudava de peça a trabalhar, ou quando alguém era mandado tocar sozinho ou no momento inicial da afinação, quando chamados à atenção, os alunos obedeciam imediatamente.

Percebiam bem as indicações e tinham bastante à vontade nas obras trabalhadas. Em geral tocavam bastante juntos. Nas passagens mais difíceis, levava um pouco mais de tempo, porque dentro do naipe havia algumas diferenças de progresso escolar. Mas, quando tocavam sozinhos com o intuito de limpar a passagem, e depois, quando se juntava o naipe, eram claras as melhorias.

Em geral o naipe do 2º ciclo fazia um bom trabalho e, em termos de comportamento, apesar de por vezes a distração e o barulho se apoderarem da aula, os alunos eram obedientes e tinham uma atitude interessada.

2.4. Tema do Projeto

O Projeto tem como tema “O papel do Encarregado de Educação na autorregulação do aluno no contexto do ensino da viola d’arco”.

O objetivo do Projeto foi o de tentar obter respostas, através da observação das aulas e posteriormente da lecionação das mesmas, da aplicação de questionários a diferentes intervenientes neste tema, que passa pelos próprios alunos, pelos seus Encarregados de Educação e professores da área do ensino musical.

A intervenção na sala de aula foi puramente teórica, no que se relaciona com o tema, tendo as aulas sido lecionadas sem a inclusão de estratégias práticas no que conta a exercícios, alteração de programas, entre outras ferramentas de investigação. Relacionados com o tema do Projeto, apenas foram aplicados os inquéritos iniciais aos alunos, em contexto de aula.

A ferramenta essencial do plano de intervenção do Projeto foi o inquérito, mais especificamente, o questionário.

“Realizar um inquérito é interrogar um determinado número de indivíduos tendo em vista uma generalização. (...) um inquérito consiste, portanto, em suscitar um conjunto de discursos individuais, em interpretá-los e generalizá-los. (...) Os discursos que constituem a “matéria-prima” do inquérito não são espontâneos; não são produzidos num vazio social que asseguraria a sua objetividade, são obtidos numa situação muito particular de interação social,

situação em grande parte estruturada, e não apenas pela relação estabelecida entre o entrevistador e o inquirido” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 2).

O objetivo da utilização deste instrumento de recolha de dados passa pela necessidade de inquirir diferentes sujeitos, acerca do mesmo tema e recolher dados que generalizem a opinião de um grupo de pessoas. As questões elaboradas são concretas e diretas, direcionadas para o mesmo tema. O tema do Projeto exigiu uma pesquisa de campo baseada numa exploração de opiniões e formas de o encarar, tanto dos alunos, como dos Encarregados de Educação. O instrumento de recolha de informação escolhido foi o do inquérito por questionário, para uma abordagem mais direta e assertiva dos dados a recolher.

Para uma abordagem mais concreta, uma definição de questionário passa por ser “(...) um instrumento rigorosamente estandardizado, tanto no texto das questões como na sua ordem. No sentido de garantir a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é absolutamente indispensável que cada questão seja colocada a cada pessoa da mesma forma, sem adaptações nem explicações suplementares resultantes da iniciativa do entrevistador. Para que tal seja possível é, evidentemente, necessário que a questão seja perfeitamente clara, sem qualquer ambiguidade e que a pessoa saiba exatamente o que espera dela.” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 121).

Neste Projeto optei por utilizar dois tipos de questionário combinados no mesmo questionário aberto e fechado.

O questionário fechado consiste na “ [...] formulação das questões, [em que] a sua ordem e a gama de respostas possíveis são previamente fixadas.” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 70).

No questionário aberto, “A formulação e a ordem das questões são fixas mas a pessoa pode dar uma resposta tão longa quanto desejar e pode ser incitada por insistência do entrevistador.” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 70).

Preferi usar este modelo, porque permitiu obter mais informação acerca das razões da opinião dos inquiridos, a partir da justificação das suas respostas e da elaboração das suas opiniões.

O problema poderá colocar-se ao nível da veracidade do que é respondido nos questionários. Os dados poderão nem sempre corresponder à realidade. O inquiridor tem, no entanto, de partir do pressuposto de que o inquirido está a responder de acordo com a realidade.

Sublinho que os questionários feitos foram anónimos, por questões de foro ético e de proteção dos direitos do inquirido, tendo sido entregues pedidos de autorização a todos os Encarregados de Educação (em anexo) para utilizar os dados recolhidos nos inquéritos feitos aos alunos.

2.5. Questionários

Os questionários efetuados ao longo do estágio dividiram-se em três fases, Inicial, Semanal e Final:

- Questionário Inicial aos alunos em contexto de aula (no caso dos alunos do estágio, foi feito na primeira aula que eu lecionei, tendo sido preenchido pelos alunos da minha classe na mesma altura).
- Questionário Inicial aos Encarregados de Educação, enviado através dos seus educandos, juntamente com a autorização para a utilização dos dados.
- Questionário Semanal para os alunos que justificava questionar (os alunos que afirmaram não ter qualquer ajuda ou intervenção dos pais não foram questionados nesta fase).
- Questionário Final aos alunos, em contexto de aula (na mesma linha de intervenção dos questionários iniciais), no final do período de estágio.
- Questionário Final aos Encarregados de Educação, no final do período de estágio.
- Questionário aos professores, no final do período de estágio.

2.5.1. Questionários aos alunos

As três fases de questionário aos alunos tiveram como objetivo proporcionar uma visão mais consciente e mais concreta do contexto em que cada aluno se enquadrava dentro do tema. O Questionário Inicial serviu como uma descrição do ambiente em que o aluno vivia dentro do contexto estudado (Encarregados de Educação participativos ou não no seu processo de estudo, se esse facto era importante para o próprio aluno, em que consistia a intervenção do seu Encarregado de Educação, entre outras questões).

O questionário Semanal, mais pequeno e direto, teve como função verificar se o contexto do aluno em relação a este tema se mantinha ou não, para entender se de facto o Encarregado

de Educação tinha uma intervenção constante no estudo do seu educando. O questionário semanal foi feito apenas aos alunos por uma questão de maior organização e da aquisição imediata dos questionários para processamento dos dados, permitindo uma contínua análise a cada aluno.

O questionário Final teve como papel a consolidação de toda a experiência dos alunos no âmbito do tema. Ao longo do tempo do estágio, os alunos tiveram a oportunidade de ponderar sobre este tema e sobre o que acreditavam ser melhor para eles.

O Questionário Final serviu ainda para perceber qual a ideia com que os alunos ficaram no final deste processo e o que pretendiam fazer no futuro.

2.5.2. Questionários aos pais

Os questionários aos pais foram importantes para ter uma visão mais global dos sujeitos intervenientes no processo de autorregulação, em particular a dos Encarregados de Educação, essencial para o Projeto. Os questionários tiveram o mesmo objetivo do que o implementado aos alunos, ou seja, conhecer o contexto de cada sujeito a respeito do tema e recolher a sua opinião.

2.5.3. Questionários aos professores

Os questionários aos professores tiveram apenas uma fase. Não poderia fechar o Projeto à opinião dos professores, porque são os intervenientes na educação dos alunos que melhor verificam o papel que os Encarregados de Educação assumem na autorregulação dos seus educandos.

Nas suas aulas, os professores, qualquer que seja a área do currículo escolar, conseguem perceber se um aluno estudou ou não, e monitorizar a sua evolução dentro da disciplina que ministram.

“Normalmente os professores identificam sem dificuldade os alunos autorreguladores da sua aprendizagem: estão atentos na aula, trazem sempre o material necessário para trabalhar, aportam novas informações à discussão problematizando-as, trabalham em casa as matérias discutidas na aula alcançando com frequência um grau de profundidade acima do exigido, obtêm habitualmente as melhores classificações académicas, entre outros comportamentos” (Pintrich e De Groat, 1990 como citado em Rosário P. S., 2001, p. 88).

No contexto do ensino do instrumento, a relação professor – aluno é mais próxima. O professor tem a sua concentração mais focada num aluno ou num grupo pequeno de alunos,

tendo uma percepção mais específica do contexto de estudo do mesmo. A proximidade a cada um dos alunos é claramente mais difícil no contexto de turma.

“A natureza do ensino um para um, prevalente no ensino do instrumento, muitas vezes leva ao desenvolvimento de uma relação intensa envolvendo relações de poder, confiança e responsabilidade entre os parceiros de aprendizagem⁵” (Harris, 2002 como citado em Creech, 2006, p. 24).

A proximidade do professor de instrumento facilita a comunicação com o Encarregado de Educação, consequência também de algumas necessidades, como a compra de um instrumento e conhecimento das características necessárias desse instrumento, a aquisição de materiais como partituras, a manutenção do instrumento, entre outras, às quais alguns alunos não conseguem atender. Esta é uma das vertentes onde o professor e o Encarregado de Educação precisam de comunicar.

Os inquéritos foram feitos a professores de vários instrumentos.

⁵ No texto original “The nature of one-to-one teaching, prevalent in instrumental instruction, often leads to the development of intense relationships involving power relations, trust, and responsibility amongst the learning partners” (Harris, 2002 in Creech, 2006, p. 24).

3. Revisão da literatura

3.1. O que é autorregulação?

“O tema da auto-regulação na aprendizagem tem proporcionado um conjunto muito alargado de considerações teóricas, conceptuais e metodológicas e de estudos empíricos. Os investigadores consideram que a aprendizagem auto-regulada apela para um conjunto de dimensões metacognitivas, motivacionais, volitivas e comportamentais em interação constante com o contexto educativo que actuam directamente no acto de aprender, determinando o grau em que é exercida a aplicação dos processos de aprendizagem antes, durante e após a aquisição e consolidação dos conhecimentos e das competências escolares” (Simão, Silva, & Sá, 2007, p. 7).

A autorregulação é um conceito importante na formação do aluno. Por tal, tem sido estudada qual a sua função, como pode ser trabalhada e desenvolvida em contexto de sala de aula e em casa.

“A aprendizagem auto-regulada reveste-se de grande acuidade e actualidade, sendo um dos eixos primordiais da prática educativa e tema central de investigação educacional” (Boekaerts, Pintrich & Zeidener, 2000; Montalvo & González Torres, 2004; Rosário, 2004 como citado em Rosário et al., 2007, p.282).

“O conceito de auto-regulação subsume dois aspectos, a focalização na competência dos estudantes planearem, monitorizarem e avaliarem a sua própria aprendizagem e a manutenção das atitudes ou atributos necessários para invocar e empregar essas estratégias por si mesmos” (Zimmerman & Martinez-Pons, 1990, 1992; Rosário et al, 2005 como citado em Rosário, et al., 2007, p. 283).

A importância de desenvolver a capacidade autorregulatória num aluno passa pelas vantagens que traz ao mesmo. O aluno desenvolve a capacidade de autonomia no seu estudo, a criatividade, a motivação, capacidade de criar estratégias e ultrapassar problemas que possam surgir no seu estudo. O aluno prepara-se para o futuro, no qual terá de pensar por si e procurar soluções e estratégias para resolver problemas e ultrapassar dificuldades.

“Nesta leitura do processo de ensino-aprendizagem urge que a educação formal promova nos alunos estratégias de auto-regulação da sua aprendizagem. Estas competências são consideradas fundamentais, não só para os alunos guiarem a própria progressão na escada educativa, mas também para assegurar a continuidade formativa após a sua saída do sistema

educativo, promovendo que os alunos aprendam efectivamente a aprender” (Zimmerman e Shunk, 1998; Boekaerts et al., 2000 como citado em Rosário P. S., 2001, p. 88).

Promover o estudo autorregulado é ajudar o aluno a aprender para a vida, desenvolvendo a capacidade de se motivar nas suas tarefas, de confiar em si mesmo e na sua eficácia, trabalhar a sua aptidão para definir estratégias e soluções para realizar tarefas e solucionar problemas.

Na área da aprendizagem musical, a autorregulação detêm um lugar essencial na evolução do aluno. É uma ferramenta que o músico utiliza em toda a sua vida. Por tal razão, a necessidade de preparar os nossos alunos para uma vida de aprendizagem autorregulada é vital na nossa prática de ensino.

“O ato de praticar ou aprender através de experiências sistemáticas é compreendido como um requisito essencial para aquisição de destrezas em diversos domínios. Na música, representa um ritual inevitável inculcado na rotina diária daqueles que se envolvem com o estudo do instrumento musical. Músicos praticam para adquirir uma técnica proficiente” (Barry; Hallam 2002 apud Austin; Berg, 2006 como citado em Cavalcanti, 2009, p. 15), aprender um novo repertório, desenvolver interpretação musical, memorizar uma peça e, conseqüentemente, preparar-se para a performance” (Cavalcanti, 2009, p. 15).

A aprendizagem musical e a performance musical exigem do aluno e músico tudo o que já foi mencionado aqui e que são pontos centrais na autorregulação, como a motivação, a auto-eficácia, disciplina, criatividade, autonomia, entre outros.

“A prática torna-se eficiente quando envolve planeamento, estabelecimento de metas e estratégias adequadas que possibilitem ao instrumentista a oportunidade de alcançar seus objetivos, assim como, habilidade para diagnosticar falhas e corrigi-las”. (Woody, 2004 como citado em Cavalcanti, 2009, p. 16). Prática eficiente relaciona-se com metacognição (reflexão sobre seu próprio processo de aprendizagem) ou habilidade para organizar e regular sua própria aprendizagem, um dos fatores essenciais para a performance” (Barry; Hallam 2002 apud Austin; Berg, 2006; Woody, 2004 como citado em Cavalcanti, 2009, p. 16).

O aluno que pretende ser músico no futuro terá que se conhecer, de trabalhar a sua autonomia, os caminhos que deve percorrer para chegar ao objetivo pretendido.

Quais são então as ferramentas ou processos que o aluno deve trabalhar para se tornar autorregulado?

3.2. Ferramentas que autorregulam

São mencionadas diferentes ferramentas que constroem e moldam o conhecimento do aluno, como a criatividade. “A criatividade é uma competência do aluno auto-regulado, por esse ser capaz de coordenar saberes para atingir suas aprendizagens” (Freire, 2009, p. 133). A criatividade permite ao aluno autorregulado saber organizar o seu estudo e as competências que deve desenvolver, criar os caminhos certos para atingir os fins que pretende.

“A criatividade depende da motivação para a tarefa, capacidade e conhecimento num domínio, competências cognitivas, e de um trabalho concentrado e enérgico. Para ser criativo, o aluno deve acreditar em si mesmo, confiar nas suas capacidades e sentir desejo e prazer para realizar os trabalhos de forma persistente, elaborada e fecunda” (Bahia e Nogueira, 2005 como citado em Freire, 2009, p. 130).

Esta descrição de criatividade menciona outras ferramentas que são essenciais para a autorregulação. Começamos pelo conceito de motivação. A motivação surge com bastante frequência na literatura que suporta a autorregulação.

“Motivação e autorregulação estão tão proximamente relacionadas que em situações práticas elas são praticamente inseparáveis”⁶ (Prawat, 1998 como citado em Bronson, 2000, p. 31).

É claro então que a motivação tem uma função com um peso enorme na autorregulação. O aluno autorregulado tem que estar motivado para que tenha a vontade, a energia para estudar, para evoluir, para construir o seu sucesso!

“Motivação e autorregulação estão altamente interrelacionados. Aprendizagem auto-direcionada, solução de problemas, e ação podem ocorrer apenas quando a capacidade de controlar o pensamento e o comportamento é acompanhado pelo desejo de o fazer. Educadores estão a tornar-se cada vez mais interessados em promover tanto a autorregulação como a motivação para o autocontrolo e aprendizagem auto-direcionada”⁷ (Bronson, 2000, p. 55).

A crença de autoeficácia surge também na literatura que explora a autorregulação. “As crenças de auto-eficácia determinam o nível de motivação que se reflete na quantidade de esforço empregado e no tempo em que se persevera diante de obstáculos. Quanto maior a crença em suas capacidades maior será a persistência e o esforço. Diante das dificuldades,

⁶ No texto original, “Motivation and self-regulation are so closely related that in practical situations they are virtually inseparable.” (Prawat, 1998 in Bronson, 2000, p. 31)

⁷ No texto original, “Motivation and self-regulation are highly interrelated. Self-directed learning, problema solving, and action can occur only when the ability to control thinking or behavior is accompanied by the wish to do so. Educators are becoming increasingly interested in promoting both self-regulation and the motivation for self-control and self-directed learning.” (Bronson, 2000, p. 55)

peessoas com dúvidas sobre suas capacidades diminuem seus esforços ou abandonam seus objetivos e rapidamente buscam soluções mediocres, enquanto quem possui fortes crenças exerce grande esforço e enfrenta situações desafiadoras” (Cavalcanti, 2009, p. 29).

Então, para além da criatividade e da motivação, o processo de autorregulação do aluno depende bastante da crença do aluno na sua própria eficácia. O acreditar em si mesmo incentiva o aluno a fazer mais, a querer saber mais e a confiar no seu trabalho e nas suas capacidades de aprendizagem.

Outro conceito que se fala é autonomia, que é o que a autorregulação procura incutir ao aluno. A capacidade do aluno pensar, definir estratégias e soluções por si mesmo. A autorregulação é um processo autónomo. “ Empreender iniciativa, ou seja, agir proactivamente, reconhecendo e experienciando a adequação pessoal de estratégias de aprendizagem ao estudo individual e autónomo, é igualmente um aspecto fundamental para o controlo do normal e desejável desenvolvimento como aprendente” (Rosário, et al., 2005, p. 345).

O ideal então é que o aluno seja capaz de produzir um estudo autónomo ou que caminhe para tal ao longo do seu desenvolvimento, dependendo da idade e grau de aprendizagem.

“Em termos dos processos cognitivos os alunos auto-reguladores, planeiam, organizam, automonitorizam-se, e auto-avaliam-se durante o processo de aprendizagem. Motivacionalmente os alunos auto-reguladores percebem-se como auto-eficazes, autónomos e intrinsecamente motivados. Em termos comportamentais, os alunos auto-reguladores seleccionam, estruturam e até “criam” os ambientes sociais e psíquicos que optimizam a sua aprendizagem” (Zimmerman e Martinez-Pons, 1988 como citado em Lourenço, 2007, p.23).

Aqui mencionei os conceitos ou ferramentas que foram mencionadas no questionários com muita frequência por todos os intervenientes.

3.3. Agentes estimuladores da autorregulação

É importante explorar uma vertente da autorregulação, que passa pelos agentes responsáveis por desenvolver este processo no aluno.

“A modelação providenciada ao aluno pelo professor, pelos seus pares e, especialmente, por outros alunos mais proficientes – irmãos mais velhos ou pais – pode ser o caminho aberto

para a internalização de práticas auto-regulatórias determinantes num percurso de aprendizagem bem sucedido” (Schunk, 2001).

É certo que o aluno está rodeado de pessoas que o podem ajudar a desenvolver a capacidade de se autorregular, professores, pais, outros membros da família, que de diferentes formas e em diferentes contextos ajudam o aluno a melhorar todos os aspetos que desenvolvem autorregulação.

Antes de mencionar o Encarregado de Educação, agente essencial no Projeto, explorarei outro agente de grande influência neste percurso do aluno, o professor.

3.3.1. O professor

“Durante o período formativo, professores exercem um papel fundamental na construção da eficácia intelectual da criança. A percepção das próprias capacidades são fortemente afetadas pela forma como o professor avalia sua performance ou contribui para o desenvolvimento de suas habilidades em manejar as atividades de aprendizagem.” (Cavalcanti, 2009, p. 35 e 36). Aqui vemos que o professor tem uma forte influência na percepção que o aluno tem de si mesmo, fator determinante para a capacidade autorregulatória. Com a avaliação do professor, o aluno consegue perceber o que o ajuda e o que está a fazer mal. O professor é o agente que mais pode ajudar o aluno a entender, na sua área específica, o que deve estudar, como o fazer e o caminho para alcançar os objetivos. O professor é um guia para o aluno que deseja autorregular a sua aprendizagem. “Muitas vezes, o estudante precisa de um plano concreto e simples onde estratégias possam ser aplicadas visando um melhor desempenho. [Por exemplo, em um recital ou uma prova]. O professor pode ajudá-lo nesse processo” (Cavalcanti, 2009, p. 129).

Dando ao aluno as ferramentas certas, mostrando os caminhos e as estratégias certas para atingir os fins, o professor está a providenciar-lhe a capacidade de tomada de decisões e o saber distinguir o que está bem e o que está mal, ou seja, o aluno desenvolve a capacidade de moldar a sua aprendizagem e desenvolver uma mente criativa e bem estruturada para um estudo autorregulado.

“Inerente ao uso estratégico do conhecimento está, também, a transferência progressivo do controlo da tarefa do professor para o aluno, no sentido de que este último tenha, cada vez mais, autonomia e responsabilidade na sua aprendizagem e não construção do seu

conhecimento. Deste modo, parece ser imprescindível ajudar os indivíduos a controlarem a sua aprendizagem, o que a metacognição torna possível. Por metacognição entendemos a nossa capacidade de saber acerca do nosso conhecimento, pensar e reflectir acerca do modo como reagimos ou vamos reagir perante uma tarefa (Monereo, 2001 como citado em Duarte & Simão, 2007, p. 132).

O professor tem um papel muito importante na noção de auto-eficácia do aluno. A visão que o professor tem do aluno e a forma como o transmite tem uma grande influência na ideia que o aluno cria de si mesmo.

O professor pode incentivar o aluno, dando uma palavra de apoio, mostrando-lhe os caminhos que pode tomar a partir do trabalho que já foi feito, fazer o aluno ver que ele é capaz, mostrar que para isso deve estudar, ser ativo e exigente consigo mesmo, para alcançar os seus objetivos. O professor mais uma vez assume o papel de promotor das estratégias que influenciam diretamente a autorregulação.

“Em síntese, um professor entusiasmado, aberto ao conhecimento e centrado no envolvimento do aluno nas suas actividades, desempenha um papel fundamental na promoção da motivação intrínseca e da liberdade de escolha do aluno. Para tal, é fundamental envolver-se activamente na actualização dos seus conhecimentos, mantendo-se ligado ao campo da investigação e na partilha da sua experiência e prática no seu grupo de pares. O aluno, pela sua parte, terá de acreditar em si para ser persistente, participativo, autónomo e ser capaz de “ler” os seus sucessos em função de factores internos e do seu controlo pessoal. O sucesso do professor e do aluno resulta do que se ensina (conteúdos) e de como se ensina (estratégias). A sociedade terá igualmente de reafirmar o seu apreço e confiança no papel da escola e de todos os que nela intervêm, para que o professor também possa ver renovado o seu prazer de ensinar” (Duarte & Simão, 2007, p. 138).

O aluno deve tirar partido desta relação entre ele mesmo e o seu professor, num intercâmbio de aprendizagens e de exemplo, onde o professor surge como um modelo para o seu estudo autorregulatório.

No ensino da música e sublinhando o ensino do instrumento, a relação professor – aluno é bastante próxima, visto que as aulas, salvo as aulas em grupo, envolvem apenas duas pessoas, numa constante troca de informações e de partilha de experiências. Quem melhor que o professor, nesta relação, para demonstrar os efeitos de uma aprendizagem autorregulada tem na vida de um músico? Por tal, o professor pode ser um fantástico exemplo para o aluno, para que este tenha em si o desejo de ser autónomo, ser capaz de “comandar” o seu estudo.

“Professores que promovem estas habilidades auto-regulatórias entre seus alunos de instrumento estão contribuindo não só para que ele perceba que seu comportamento influencia seu desempenho, mas também para que este aluno “repense e resgate o seu compromisso pela sua própria aprendizagem” (Zimmerman, Bonner; Kovach, 1996 apud Costa e Boruchovich, 2006, p. 102 como citado em Cavalcanti, 2009, p. 17).

Então temos o professor como agente promotor do processo autorregulatório. Como pode o professor promover então o sentido autorregulatório no aluno? Há muitas estratégias para tal. O professor pode:

- Incentivar o aluno a ser autocrítico, ou seja, a ser capaz de avaliar o seu próprio trabalho. É uma forma de o aluno ter noção do que faz bem ou mal, para poder trabalhar formas de solucionar problemas e desenvolver a capacidade de usar estratégias para desenvolver o seu estudo.
- Procurar a opinião do aluno no programa que vai escolher. Introduzir o aluno na escolha do próprio programa ajuda-o a conhecer mais repertório do seu instrumento, a desenvolver um espírito crítico em relação ao repertório existente, conhecer a sua própria capacidade e em que passo da aprendizagem está, ou seja, através da escolha de programa para ele próprio trabalhar, conhece-se a si mesmo, o tipo de repertório que deve tocar e como trabalhá-lo.
- Numa fase inicial, o professor oferece ao aluno um conjunto de ferramentas que lhe permite estudar, como exercícios, estudos, escalas, entre outras ferramentas. À medida que o aluno desenvolve no seu grau de aprendizagem, estas ferramentas vão sendo utilizadas para contextos específicos (por exemplo, exercícios da mão direita para desenvolver o arco, exercícios como trilos, dedos alternados para trabalhar a afinação, a articulação, isto na mão esquerda, etc.). O professor deve incentivar o aluno a desenvolver a capacidade de saber usar estas ferramentas nos contextos certos, ou seja a ser autónomo no seu estudo técnico. Numa fase mais avançada, idealmente, o aluno já não necessitar de ajuda neste campo, porque terá desenvolvido a sua capacidade autorregulatória no seu estudo. “(...) devemos ver o aluno como activo na sua aprendizagem e proporcionar-lhe um ensino “transparente” onde possa, por modelagem, aprender as estratégias de que necessita para desenvolver as suas aprendizagens, actuais e futuras, possibilitando-lhes um conhecimento estratégico, sobre quando e porquê utilizar essas estratégias” (Dias & Simão, 2007, p. 94).

- O trabalho de casa é uma ótima ferramenta para o professor aplicar neste processo. “Desejavelmente, e ao longo do tempo, o TPC promove nos alunos a competência para lidar com erros e dificuldades inerentes às várias aprendizagens escolares, proporcionando-lhes ocasiões únicas de exercitação da autonomia gradual e sustentadamente” (Bempechat, 2004 como citado em Rosário, et al., 2005, p. 334). É uma forma de juntar todas as estratégias atrás mencionadas, autocrítica, autonomia, autoconhecimento e autoeficácia, ser capaz de discernir e aplicar as ferramentas no contexto certo. É também uma forma de o professor ter forma de entender se o aluno fez o que era necessário e se é capaz de o fazer de a maneira correta. No contexto do ensino do instrumento, é essencial que o professor prescreva estas tarefas ao aluno, devido à componente da prática necessária para que evolua na sua aprendizagem. O trabalho de casa é utilizado também neste contexto, onde o professor transmite ao aluno o que ele deve fazer para estudar, numa dinâmica um pouco diferente do trabalho de casa do ensino genérico, no sentido que na música o trabalho de casa é adaptado a cada aluno, dependendo do seu grau de aprendizagem. A prática, o estudo são a base para a evolução e sucesso do músico e aluno, sendo o trabalho de casa uma das melhores formas para manter este hábito.

“O comportamento do professor (de instrumento) exerce impacto no desenvolvimento do estudante no que se refere a sua motivação, desempenho e crenças de auto-eficácia, (...)” (Cavalcanti, 2009, p. 40).

Seguindo esta linha de pensamento, surge constantemente presente um conceito neste tema, a autoeficácia.

Já se sabe que autoeficácia passa por “ (...) julgamentos das pessoas em suas capacidades para organizar e executar cursos de ação necessários para alcançar certos tipos de desempenho” (Bandura, 1986, p. 391 como citado em Cavalcanti, 2009, p. 23).

É importante para o músico ter uma percepção positiva da sua capacidade. Se não confia nas suas capacidades, conhecimentos e valor dificilmente conseguirá ultrapassar qualquer problema, não evolui, não procura saber mais e ir mais longe. O aluno confiante, o músico que acredita na sua eficiência procura ir mais longe, procura mais repertório e mais difícil, procura crescer mais e mais no seu conhecimento, na sua técnica.

O aluno confiante nas suas capacidades é um aluno motivado. Tudo está ligado.

Um aluno que aprende um instrumento está sempre sob situações em que a sua autoeficácia e motivação são essenciais, porque se vê confrontado com situações delicadas nesse campo, como audições, recitais, concertos, provas de instrumento, onde a sua capacidade está sob a avaliação de um público, de um júri e dos dois ao mesmo tempo. O aluno que não tem uma crença em si mesmo positiva e segura terá problemas nesta fase da sua aprendizagem e, conseqüentemente, não estará motivado.

Como vemos, o aluno está rodeado de agentes que influenciam a sua motivação e eficácia num estudo autorregulatório. A própria escola, a sociedade, porque todos os alunos estudam, aprendem e crescem em sociedade, onde irão trabalhar, viver e estabelecer todas as suas relações.

“A escola é vista como promotora da educação, a qual deverá proporcionar aos alunos uma aprendizagem que não deve ficar pelo presente, mas deve contemplar o aprender ao longo da vida. Nesta aprendizagem ao longo da vida, deve-se promover nos alunos a capacidade de gerirem as suas aprendizagens, adoptando uma autonomia, proporcional às exigências do seu desenvolvimento e da sua vida académica e social. Pretende-se, ainda, que sejam capazes de disponibilizar as ferramentas intelectuais e sociais que adquiriram e que lhes permitirão continuar a sua aprendizagem” (Dias & Simão, 2007, p. 124).

3.3.2. Encarregados de Educação ou pais

Neste capítulo abordo uma das principais bases do Projeto elaborado no contexto do Mestrado. Os Encarregados de Educação e o seu papel no processo autorregulatório do aluno.

É inquestionável que os Encarregados de Educação, ou os pais (neste Projeto, todos os Encarregados de Educação eram ou o pai ou a mãe dos alunos. Por tal, o tema do Encarregado de Educação é explorado nessa veretente), assumem um papel essencial na educação dos seus filhos, falando de aspetos que englobam a cidadania, comportamento social, nas aprendizagens básicas da vida (andar, falar, comer, entre outras) e mesmo na escola.

E na autorregulação, no estudo do seu educando? No desenvolvimento deste processo, os pais e Encarregados de Educação podem ter um papel essencial?

“Efectivamente, o ambiente familiar tem um papel importante no desenvolvimento da auto-regulação da aprendizagem, quer pela promoção de um positivo sistema de crenças, por sua vez sustentador de um agenciamento pessoal, quer pelo apoio dos pais dado às crianças, desde tenra idade, durante as suas actividades de exploração e tentativa de mestria, que vai

suportando o desenvolvimento dos processos de auto-regulação, seja na dimensão cognitiva e metacognitiva, seja na emocional” (Paula & Silva, 2007, p. 190).

Outro agente essencial no desenvolvimento no processo autorregulatório são os intervenientes na educação fora da escola, no contexto familiar. Os Encarregados de Educação ou pais.

“Os vários estudos sobre o impacto do ambiente familiar no desenvolvimento das crianças são muito importantes, quer para os responsáveis educativos, directos ou indirectos, quer para a intervenção em situações de risco, quer ainda para a investigação dos processos subjacentes à auto-regulação. (...) Para os investigadores, o papel do ambiente familiar, desde o mais precoce ao contemporâneo, poderá ser devidamente considerado nos estudos desenvolvimentistas da auto-regulação em domínios específicos ou no geral” (Paula & Silva, 2007, p. 170).

Normalmente, um dos pais da criança assume o papel de Encarregado de Educação, reponsável por todos os processos ligados à escola. Qual é o papel que este agente tem então no desenvolvimento da autorregulação no seu educando?

“(...) os pais têm um papel essencial no processo de socialização dos alunos, nomeadamente no acompanhamento das suas aprendizagens e da sua adaptação à vida da escola, bem como no processo de escolarização em casa” (Lourenço L. P., 2008, p. 55).

Antes da sua entrada na vida escolar, a educação de uma criança começa em casa, com os seus pais. O ambiente familiar é o primeiro agente socializador e educativo da criança, desde que nasce. O ambiente familiar, em casa, é onde a criança dá os primeiros passos, aprende a falar, aprende a socializar, ou seja, está em constante processo de assimilação de conhecimentos, de crescimento.

“(...) a Família surge como um dos grupos mais importantes de aprendizagem e assimilação de conhecimentos pois não é só o primeiro grupo com o qual um individuo contacta mas porque nos primeiros anos de vida se encontra mais permeável à reprodução social” (Lourenço L. P., 2008, p. 44).

Defende-se que a criança começa desde o nascimento a desenvolver a sua capacidade autorregulatória. A criança aprende algo novo, adapta-se ao ambiente novo para ela e cresce aprendendo com o que a rodeia.

Com estas novas aprendizagens, a criança vai ganhando mais experiência ao longo do crescimento e começa a ser capaz de solucionar problemas por si mesma.

“De entre os seres vivos, os humanos possuem um sistema de regulação mais educável de acordo com as circunstâncias ambientais. Desde o nascimento, o ser humano possui um potencial para desenvolver o controlo adaptativo. Com a maturação e a experiência, a criança torna-se cada vez mais capaz de controlo *proactivo*, planeado e consciente (metacognitivo)” (Fernandes & Simão, 2007, p. 198).

A criança começa desde cedo a trabalhar o processo autorregulatório. Começa a andar e a falar, vai aprendendo com o ambiente que a rodeia, com as pessoas que a rodeiam, normalmente a família.

“A capacidade da autorregulação consciente e voluntária é central para a nossa compreensão do que é ser um ser-humano. Ela salienta as nossas suposições acerca de escolha, tomada de decisões e planeamento. As nossas concepções da liberdade e responsabilidade depende disso. Entre todos os seres vivo, somos responsáveis legalmente e moralmente pelas nossas ações (...) Autorregulação começa com a própria vida” (Bronson, 2000, p. 1).⁸

Apesar da criança depender muito dos pais quando é pequena, começa já a adquirir as ferramentas para a tomada de decisão consciente, de compreender o seu mundo e procurar soluções.

“Gervilla (2001), no seu livro sobre Educação e Família, refere e reforça que a família é o pilar fundamental para o crescimento da criança, e, se queremos realmente educar, há que proporcionar ajuda e apoios aos que dela necessitam e, assumirmos responsabilidades visto que uma pequena Educação dos pais proporciona benefícios significativos: progressão das aprendizagens, desenvolvimento mental, afectivo e emocional” (Reis, 2008, p. 38).

O caminho educacional da criança começa no grupo social da família, sendo vital que se crie bons hábitos e se tente criar na criança a capacidade de utilizar boas estratégias na sua aprendizagem, confiança em si mesma (auto-eficácia e motivação) e vontade de aprender.

“Sendo o ambiente familiar o primeiro e mais contínuo contexto de acção da criança, o estudo da influência deste ambiente no desenvolvimento da criança poderá revelar-se riquíssimo. As auto-percepções de competência e os processos de auto-regulação desenvolvidos no ambiente familiar terão repercussões em todos os outros contextos de vida da criança e ao longo de toda a vida” (Paula & Silva, 2007, p. 172).

⁸ No texto original, The capacity of conscious and voluntary self-regulation is central to our understanding of what it is to be human. It underlies our assumptions about choice, decision making, and planning. Our conceptions of freedom and responsibility depend on it. Among all living things, we hold only ourselves legally and morally accountable for our actions. (...) Self-regulation begins with life itself. (Bronson, 2000, p. 1)

Mas qual o papel do Encarregado de Educação tem no desenvolvimento da autorregulação no seu educando? É dependente da idade? Do grau de aprendizagem?

O Projeto desenvolvido no Mestrado procurou resposta para esta questão, mas compreende apenas alunos do 1º, 2º e 3º ciclo, com os quais trabalhei ao longo do ano.

Esta questão foi explorada no Projeto com os questionários implementados aos três agentes intervenientes, aluno, Encarregado de Educação e professor e será analisada no capítulo de apresentação do Projeto e seu desenvolvimento.

No ensino da música, os Encarregados de Educação, ou pais, normalmente, são incentivados pelos professores a fazer parte deste processo. Eles mesmos podem assumir o papel de professores nas suas casas.

“Os primeiros estudos sobre a influência dos pais na aprendizagem do instrumento reportaram relações positivas entre um ambiente musical em casa e a resposta musical das crianças dessas casas (Kirkpatrick, 1962, Shelton, 1965, Wermuth, 1971 como citado em Creech, 2006, p. 38).⁹”

Criando um ambiente propício ao desenvolvimento da aprendizagem musical e o gosto pela música, os Encarregados de Educação estão a ajudar os seus educandos a ter uma relação positiva e rica com a música e com a sua aprendizagem.

“Num estudo experimental que envolveu estudantes de banda iniciantes Brokaw (1982) estudou um grupo de pais que supervisionavam o estudo em casa, e descobriu que ‘enquanto não era surpreendente ter descoberto uma relação forte entre a quantidade de tempo passado a estudar e o sucesso dos alunos nas suas performances (...) a quantidade de tempo passado pelos pais na supervisão do estudo em casa é ainda um melhor preditor do sucesso nas fases iniciais de desenvolvimento’ (Creech, 2006, p. 40).¹⁰”

⁹ No texto original “Early research on the influence of parents on instrumental learning reported positive relationships between musical home environments and the musical responsiveness of children from these homes (Kirkpatrick, 1962, Shelton, 1965, Wermuth, 1971 in Creech, 2006, p. 38)”

¹⁰ No texto original, “In an experimental study involving beginning band students Brokaw (1982) studied a group of parents who undertook supervision of home practice, and found that “while it was not surprising to discover a strong relationship between the amount of time a student spends practising and the student’s achievement in performance the amount of time spent by parents in supervising home practice is even a better predictor of successful achievement in the initial stages of development”. (Creech, 2006, p. 40)

4. Desenvolvimento e avaliação da intervenção

4.1. Estágio profissional - intervenientes

No decorrer do estágio profissional, os alunos intervenientes no Projeto foram três:

- Um aluno do 4º ano do 1º ciclo (Elementar IV);
- Um aluno do 6º ano do 2º ciclo (2º Grau);
- Um aluno do 9º ano do 3º ciclo (5º Grau).

Como referido anteriormente, os nomes dos alunos não estão aqui presentes devido ao carácter anónimo dos questionários efetuados. A seleção destes alunos baseou-se no facto de frequentarem os três ciclos do ensino básico, cada um inserido num ciclo. Para além deste factor, foi apenas possível incluir estes alunos por questões de horários e de disponibilidade.

Nas aulas do estágio profissional, na fase de lecionação, o Projeto não teve uma intervenção direta em contexto de aula, devido ao seu carácter teórico, tendo apenas como atividades práticas o preenchimento de questionários, não consistindo em exercício específico de um método prático em aula.

Neste capítulo abranjo apenas a primeira aula lecionada, onde o primeiro questionário ao aluno foi entregue e respondido e a última aula, juntamente com o relatório de aula e uma breve descrição do aluno.

4.1.1. Aluno A, 6º ano, 2º Grau

O aluno em questão revelou capacidades, mas não possuía método de estudo, consequência de alguma forma devido a um ambiente difícil em casa. Em grande parte das aulas, quer na fase de observação quer na fase prática de implementação do Projeto, o aluno demonstrava falta de estudo, o que prejudicava bastante a sua evolução durante as aulas. Apesar deste problema, o aluno, com o professor a ajudar, ultrapassava problemas que surgiam com facilidade, compreendendo e respondendo ao que lhe era proposto.

O programa trabalhado com o aluno A nas aulas de implementação do Projeto foi:

2º Período		3º Período	
Escalas	• Escala de Dó Maior e menor harmónica.	Escalas	• Escala de Ré Maior e menor harmónica.
Estudos	• Estudo nº13, op.86 de Hofmann. • Estudo nº45, op.45 de Wohlfahrt	Estudos	• Estudo nº14, op.86 de Hofmann. • Estudo nº39, op.45 de Wohlfahrt.

Planificações

Plano de Aula			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno A, 6º ano, 2º Grau	
Aula nº: 1	Duração: 50'	Hora: 8h20 – 9h19	Data: 18 de Fevereiro de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem	
				50'	
Inicial	Inquérito para implementar no Projeto.	Preencher um inquérito, parte essencial do Projeto a implementar.	_____	5'	
	Exercícios de aquecimento.	Exercícios de aquecimento, concentrados nos aspetos técnicos exigidos pela obra a trabalhar.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Exercício dos trilos, lento, na tonalidade de Dó Maior, duas oitavas. ➤ Exercícios de mudança de posição. 	10'	
Fundamental	Estudo nº13 de Hofmann.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão; ➤ Trabalho mais concentrado em passagens problemáticas nos diferentes contextos do estudo. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução o estudo integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	19	38'

	Estudo nº30, op. 45 de Wholfahrt.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão; ➤ Trabalho mais concentrado em passagens problemáticas nos diferentes contextos do estudo. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução o estudo integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	19'	
Final	Marcação de trabalho de casa.	Organização do estudo em casa, para ajudar o aluno a entender o que fazer e como fazer.	Descrição dos objetivos para o estudo do aluno no Diário da aula.	2'	

Relatório da aula nº1

Na presente aula, todo o programa foi visto. A apontar está a falta de tempo para atingir todos os objetivos específicos que deveriam ter sido alcançados na aula em ambos os estudos. Esta falta de tempo foi consequência da falta de estudo pela parte do aluno. Os estudos tiveram que ser lidos com mais pormenor, num ritmo mais lento, mais repetitivo. Foi mais trabalhada a leitura, a afinação, o conhecimento das articulações que os estudos pediam. Não foi possível trabalhar os estudos completos, porque o tempo foi também limitado pelo grande atraso do aluno no início da aula.

Durante a aula, foi óbvio que o aluno apreendeu rápido o que foi estudado na aula, revelando que a falta de estudo é a principal causa para a falta de preparação do aluno.

A restante planificação foi aplicada com sucesso.

Plano de Aula			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno A, 6º ano, 2º Grau	
Aula nº: 6	Duração: 50'	Hora: 8h20 – 9h10	Data: 29 de Abril de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem 50'	
Inicial	Exercícios de aquecimento.	Exercícios de aquecimento, concentrados nos aspetos técnicos exigidos pela obra a trabalhar.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Exercício de mudança de posição, da 1ª para a 3ª e vice-versa. ➤ Exercício do 4º dedo. 	10'	
Fundamental	Estudo nº14, op.86 de Hofmann.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão; ➤ Trabalho mais concentrado em passagens problemáticas nos diferentes contextos do estudo. ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução o estudo integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	19'	38'
	Estudo nº39, op.45 de Wohlfahrt.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no estudo em questão; ➤ Aperfeiçoamento das mudanças de posição presentes na obra. ➤ Trabalho mais concentrado em passagens problemáticas nos diferentes contextos do estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução o estudo integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	19'	
Final	Marcação de trabalho de casa.	Organização do estudo em casa, para ajudar o aluno a entender o que fazer e como fazer.	Descrição dos objetivos para o estudo do aluno no Diário da aula.	2'	

Relatório da aula nº6

Nesta aula, observou-se o mesmo comportamento apresentado no relatório da aula nº1, a falta de estudo. A diferença foi que os estudos se encontravam numa fase mais avançada. Apesar disso, a aula foi resumida à leitura de uma grande parte dos estudos. Mais uma vez, a necessidade desta dinâmica na aula foi consequência da falta de estudo.

Os dois estudos foram vistos desta forma, dando atenção à leitura, afinação, mudanças de posição (no caso do estudo de Wohlfahrt).

4.1.2. Aluno B, 4º ano – Elementar IV

O aluno em questão revelou muitas capacidades e um nível avançado para o grau que frequenta, mas agitado e impaciente. Não poderia haver momentos mais calmos na aula, o que teria como consequência a distração do aluno. Tecnicamente, o aluno por vezes tornava-se um pouco confuso a tocar. Uma das características era que não tinha paciência para exercícios lentos e estudo de passagens lentas, tentando sempre tocar mais rápido. Quando se insistia com ele, o aluno obedecia imediatamente.

Em geral, foi um aluno muito interessante, com um bom desenvolvimento e método, muito fácil de lidar e com capacidade para entender facilmente o que os professores lhe propunham na aula.

O programa trabalhado com o aluno B nas aulas de implementação do Projeto foi:

2º Período		3º Período	
Escalas	<ul style="list-style-type: none">• Escala de Sol Maior.• Escala de Dó Maior.	Escalas	<ul style="list-style-type: none">• Escala de Sol Maior.• Escala de Lá Maior.
Peças	<ul style="list-style-type: none">• 3º andamento do Concertino de Kuchler em Sol Maior.• 3º andamento do Concerto em Mi menor de Oskar Rieding.	Peças	<ul style="list-style-type: none">• 3º andamento do Concertino de Kuchler em Sol Maior.• 3º Andamento do Concerto nº 2 de Fritz Seitz.

Planificações

Plano de Aula			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno B, 4º ano, Elementar IV	
Aula nº: 1	Duração: 25'	Hora: 11h55 – 12h20	Data: 18 de Fevereiro de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem 25'
Inicial	Inquérito para implementar no Projeto.	Preencher um inquérito, parte essencial do Projeto a implementar.	_____	5'
	Exercícios de aquecimento.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Exercícios de aquecimento, concentrados nos aspetos técnicos exigidos pela obra a trabalhar. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Escala de Sol Maior, em duas oitavas, com diferentes ritmos e articulações do arco presentes na obra a trabalhar na aula. 	5'
Fundamental	3º andamento do Concertino de Kuchler em Sol Maior.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aprofundar o conhecimento da obra, tendo em conta domínios como o carácter, o estilo, interpretação. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes no andamento de Concerto em questão; ➤ Aperfeiçoamento das mudanças de posição presentes na obra. ➤ Trabalho mais concentrado em passagens problemáticas nos diferentes contextos do estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução o estudo integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	13'
Final	Marcação de trabalho de casa.	Organização do estudo em casa, para ajudar o aluno a entender o que fazer e como fazer.	Descrição dos objetivos para o estudo do aluno no Diário da aula.	2'

Relatório da aula nº1

A aula planeada foi respeitada na sua íntegra. O aluno tinha a obra já avançada (já a tinha tocado antes). As mudanças de posição tiveram de ser trabalhadas com mais cuidado, mas em geral a obra estava bem preparada. Durante a aula, o aluno mostrava alguma falta de concentração e um comportamento irrequieto, o que prejudicava o desenvolvimento da aula.

Apesar da distração, o aluno preparou com sucesso a obra estudada na aula.

Plano de Aula			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno B, 4º ano, Elementar IV	
Aula nº: 6	Duração: 25'	Hora: 11h55 – 12h20	Data: 29 de Abril de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem 50'
Inicial	Exercícios de aquecimento.	Exercícios de aquecimento, concentrados nos aspetos técnicos exigidos pela obra a trabalhar.	➤ Escala de Dó Maior com diferentes ritmos.	5'
Fundamental	3º Andamento do Concerto nº 2 de Fritz Seitz.	➤ Trabalhar a leitura. ➤ Trabalhar as mudanças de posição presentes na obra. ➤ Trabalho mais concentrado em passagens mais difíceis e problemáticas nos diferentes contextos da obra.	➤ Execução da obra integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos.	18'
Final	Marcação de trabalho de casa.	Organização do estudo em casa, para ajudar o aluno a entender o que fazer e como fazer.	Descrição dos objetivos para o estudo do aluno no Diário da aula.	2'

Relatório da aula nº6

A aula planeada foi respeitada na íntegra.

As mudanças de posição forma um problema durante a aula, alvo de grande parte da atenção. Fazendo pequenos exercícios de mudanças de posição e transportando o que foi

praticado para a passagem, o aluno conseguiu, no final da aula, quando se tocou o andamento completo, tocar a passagem com sucesso.

Durante a aula, o aluno mostrava alguma desconcentração, fruto dos exercícios mais lentos, o que requeria chamadas de atenção constantes.

No entanto, em geral, a aula correu bem, tendo sido alcançados os objetivos previstos para a aula.

4.1.3. Aluno C, 9º ano – 5º Grau

O aluno em questão demonstrava capacidades e uma rápida evolução ao longo do período do estágio profissional.

Apresentava o programa trabalhado bem estudado, sabia especificar as suas dúvidas, o que revelava um estudo assíduo e consciente.

Compreendia bastante bem o que lhe era explicado e corrigido, respondendo rapidamente e eficazmente aos desafios propostos pelos professores.

Apesar destes factos, o aluno tinha uma atitude muito contida e envergonhada, pouco falava e claramente sentia-se mais nervoso pela presença de mais do que um professor na sala de aula. Quando se deu o início das aulas dadas por mim, o aluno mostrava muito nervosismo e comunicava pouco.

Mas, em geral, o percurso com este aluno foi muito interessante.

O programa trabalhado com o aluno C nas aulas de implementação do Projeto foi:

2º Período		3º Período	
Peças	<ul style="list-style-type: none">• Prelúdio e Allegro de Fritz Kreisler.• 1º andamento do Concerto em Dó menor de Johann Christian Bach.	Peças	<ul style="list-style-type: none">• 1º andamento da Sonatina op. 100 de A. Dvorak.• 2º andamento do Concerto em Dó menor de Johann Christian Bach.

Planificações

Plano de Aula			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno C, 9º ano, 5º Grau	
Aula nº: 1	Duração: 50'	Hora: 17h40 – 18h30	Data: 19 de Fevereiro de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem 50'
Inicial	Inquérito para implementar no Projeto.	Preencher um inquérito, parte essencial do Projeto a implementar.	_____	5'
	Exercícios de aquecimento.	Exercícios de aquecimento, concentrados nos aspetos técnicos exigidos pela obra a trabalhar.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Exercício dos trilos, lento, na tonalidade de Dó Maior, duas oitavas. ➤ Exercício de mudança de posição, da 1ª para a 3ª e vice-versa. 	10'
Fundamental	1º andamento do Concerto em Dó menor de Johann Christian Bach.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aprofundar o conhecimento da obra, tendo em conta domínios como o carácter, o estilo, interpretação. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes na obra em questão; ➤ Aperfeiçoamento das mudanças de posição presentes na obra. ➤ Junção com o piano. ➤ Trabalho mais concentrado em passagens mais problemáticas nos diferentes contextos da obra. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução da obra integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	16,5'
	Prelúdio e Allegro de Fritz Kreisler.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aprofundar o conhecimento da obra, tendo em conta domínios como o carácter, o estilo, interpretação. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes na obra em questão; ➤ Aperfeiçoamento das mudanças de posição presentes na obra. ➤ Trabalho mais concentrado em 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Execução da obra integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos. 	16,5'

		passagens mais problemáticas nos diferentes contextos da obra.			
Final	Marcação de trabalho de casa.	Marcação de objetivos e metas para trabalhar em casa.	Descrição dos objetivos para o estudo do aluno no Diário da aula.	2'	2'

Relatório da aula nº1

A aula planeada foi respeitada na sua íntegra. O aluno tinha o Concerto avançado, apenas apresentando alguns problemas na afinação e nas mudanças de posição, as quais foram trabalhadas nesta aula. A dificuldade traduzia-se pelas dúvidas que o aluno revelava nas mudanças de posição. Quando questionado acerca da mudança de posição em que teria de tocar certas passagens (principalmente a partir da 4ª posição), o aluno demorava a encontrar uma resposta, chegando mesmo a não saber dizer. Os problemas foram ultrapassados na aula através da repetição da mudança de posição, lentamente e a tempo, do conhecimento das notas de passagem. Através da insistência nestas passagens, o aluno entendeu o que tinha de fazer.

O Concerto foi visto com piano na 1ª parte da aula. Nesta parte da aula, foi estudada a junção com piano. O aluno não conhecia bem a parte do piano, pelo que por vezes não respeitava a dinâmica desta junção. Através do incentivo para o aluno escutar e compreender a parte de piano, a junção teve uma evolução clara.

Na 2ª parte, foi visto o Prelúdio e Allegro, já sem piano. O aluno não estava seguro nesta obra, pelo qual esta parte da aula baseou-se mais na leitura da obra e estudo mais aprofundado das passagens que revelavam maior dificuldade.

Foram trabalhados apenas aspetos técnicos da obra (afinação, mudanças de posição, leitura) para aprofundar o conhecimento da obra pela parte do aluno.

A planificação foi respeitada a nível do programa estudado na aula, mas os objetivos esperados para esta aula não foram todos alcançados.

Plano de Aula			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno C, 9º ano, 5º Grau	
Aula nº: 7	Duração: 50'	Hora: 17h40 – 18h30	Data: 14 de Maio de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem 50'
Inicial	Exercícios de aquecimento.	Exercícios de aquecimento, concentrados nos aspetos técnicos exigidos pela obra a trabalhar.	➤ Exercício de mudança de posição, da 1ª para a 3ª e vice-versa.	10'
Fundamental	1º andamento da Sonatina op. 100 de A. Dvorak	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aprofundar o conhecimento da obra, tendo em conta domínios como o carácter, o estilo, interpretação. ➤ Junção com o piano. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes na obra em questão; ➤ Aperfeiçoamento das mudanças de posição presentes na obra. ➤ Trabalho mais concentrado em passagens mais problemáticas nos diferentes contextos da obra. 	➤ Execução da obra integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos.	19'
	2º andamento do Concerto em Dó menor de J.C. Bach.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aprofundar o conhecimento da obra, tendo em conta domínios como o carácter, o estilo, interpretação. ➤ Aperfeiçoamento da afinação; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes na obra em questão; ➤ Aperfeiçoamento das mudanças de posição presentes na obra. ➤ Junção com o piano. ➤ Trabalho mais concentrado em passagens mais problemáticas nos diferentes contextos da obra. 	➤ Execução da obra integral, com principal foco em passagens de maior dificuldade, trabalhando com mais pormenor aspetos da obra mais problemáticos.	19'
Final	Marcação de trabalho de casa.	Marcação de objetivos e metas para trabalhar em casa.	_____	2'

Relatório da aula nº7

A aula iniciou com os exercícios de aquecimento de preparação para o programa a ver na aula. A 1ª parte da aula foi com piano. Foi possível ver as duas obras com piano, pois foi possível ter a presença do professor de piano por mais tempo nesta aula. Primeiro foi visto o 1º andamento da Sonatina de Dvorak. Nesta fase, o aluno já apresentava um bom conhecimento da obra, apenas cometendo pequenos erros. Estes erros estavam presentes em certas passagens num contexto rítmico e em termos de afinação. Os ritmos errados foram corrigidos através da leitura, de cantar o ritmo e tocar mais lentamente até ao tempo pedido na obra. Em termos de afinação, o problema residia principalmente nas mudanças de posição, onde o aluno revelava a mesma dificuldade apresentada no relatório da aula nº1. Da mesma forma, através do processo de questionar qual a posição em que se encontrava, como chegar lá e a repetição da passagem de um tempo mais lento para o desejado. E novamente se tocava a passagem com piano.

O 2º andamento também foi visto com piano. Revelava estar um pouco menos seguro que a Sonatina, pela qual não foi possível um trabalho mais assertivo em termos de acompanhamento. Algumas passagens precisavam ainda de algum trabalho mais técnico e concentrado. Mesmo assim, a junção com piano foi estudada em aula.

Em termos técnicos, as dificuldades não eram muito diferentes da Sonatina, mas em maior número. Foram corrigidas notas e ritmos errados através de exercícios de leitura, cantar e tocar as passagens em questão num tempo mais lento progredindo para o tempo desejado à medida que melhorava a passagem.

Nem todos os objetivos esperados para a aula foram alcançados, mas o programa foi todo visto.

4.1.4. Naípe do 2º ciclo

Os alunos de naípe tinham um comportamento, em geral, irrequieto e muito falador, mas quando eram repreendidos obedeciam imediatamente. Não podia haver um momento parado, que os alunos facilmente se distraíam. Mas eram alunos educados e interessados na aula.

Neste caso exponho apenas uma planificação de uma aula lecionada por mim, visto não ter sido aplicado, neste contexto de aula, o Projeto, como já foi exposto num capítulo anterior.

Plano de Aula Assistida			
Local: Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga		Turma ou alunos: Aluno A, 6º ano, 2º Grau	
Aula nº: 7	Duração: 50'	Hora: 8h20 – 9h19	Data: 18 de Fevereiro de 2014

Parte da Aula	Conteúdo	Objetivos Específicos	Descrição do Exercício	Minutagem 50'	
	Afinação dos instrumentos.	_____	_____	5'	
Inicial	Escala de Ré Maior, duas oitavas, com diferentes ritmos.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Trabalhar a afinação do grupo; ➤ Trabalhar a junção do grupo em diferentes contextos rítmicos (os ritmos utilizados na escala serão tirados das peças a trabalhar na aula); ➤ Aperfeiçoar o contexto rítmico das peças a estudar na aula; 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Todos os alunos tocam a escala de Ré Maior com o ritmo escolhido pelo professor. ➤ Em caso de algum problema surgir relativamente aos objetivos do exercício, serão divididos em pequenos grupos ou mesmo em casos individuais na tentativa de resolver os problemas. 	10'	
Fundamental	Jason and the Golden Fleece.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Junção do grupo; ➤ Aprofundar o conhecimento da obra; ➤ Afinação individual e de grupo; ➤ Consolidação das noções de ritmo do grupo; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes na obra em questão; ➤ Trabalho mais concentrado em passagens mais difíceis e problemáticas nos diferentes contextos da obra. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Estudo da obra Jason and the Golden Fleece, pela ordem dos andamentos, parando nas passagens mais problemáticas e trabalhando as dificuldades que surjam, cumprindo os objetivos estipulados para a aula. 	20'	38'
	Early one morning	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Junção do grupo; ➤ Aprofundar o conhecimento da obra; ➤ Afinação individual e de grupo; ➤ Consolidação das noções 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Estudo da obra Early One Mornig, parando nas passagens mais problemáticas e trabalhando as dificuldades que surjam, cumprindo os 	18'	

		de ritmo do grupo; ➤ Trabalhar as diferentes articulações presentes na obra em questão; ➤ Trabalho mais concentrado em passagens mais difíceis e problemáticas nos diferentes contextos da obra.	objetivos estipulados para a aula.		
Final	Execução de toda da obra Early one Morning.	Execução da obra para consolidar todo o trabalho.	Execução da obra anterior completa.	2'	

Relatório da aula nº1

A planificação foi cumprida nos termos apresentados. Os alunos do naipe do 2º ciclo já demonstravam ter as obras trabalhadas bastante avançadas, responderam muito bem, em geral, aos exercícios e desafios propostos.

Dentro do naipe foram claras as diferenças entre os alunos. Nesta aula foram vistas muitas passagens dividindo o naipe em pequenos grupos feitos de acordo com a necessidade da passagem a ser estudada, que incidia normalmente nos mesmos alunos.

O programa visto foi demasiado extenso para o tempo de aula. Apesar de terem sido vistas todas as passagens que exigiam mais atenção, nem todas foram trabalhadas de forma a ficarem solidamente compreendidas por todo o naipe.

Para alguns alunos seria preciso um pouco mais de insistência em certos aspetos, mas esse trabalho também passa por um esforço pessoal do aluno.

Os alunos do naipe dispersavam facilmente quando não estavam a tocar, pelo qual eram constantemente chamados à atenção nestes momentos.

Revelaram muito interesse em serem bem sucedidos nos desafios propostos no estudo das obras.

4.2. Metodologia de recolha de dados

Para este Projeto, devido ao caráter do tema, o processo de intervenção assumiu um caminho mais teórico, de recolha de dados de experiências, contextos dos sujeitos intervenientes no Projeto.

A intervenção passou por inquirir os alunos e os Encarregados de Educação envolvidos neste Projeto através de questionários, bem como professores do ensino especializado da música, na área do ensino da música, descritos no ponto que precede este capítulo.

Resumindo, os questionários foram divididos em três fases:

- Questionário inicial aos alunos e Encarregados de Educação;
- Questionário semanal aos alunos;
- Questionário final aos alunos e questionário aos Professores de instrumento.

Como dito anteriormente no capítulo de contextualização dos alunos intervenientes no Projeto, decidi alargar o campo de pesquisa aos meus alunos da mesma instituição de ensino, onde lecionei neste ano letivo, passando assim a ser catorze alunos envolvidos. Optei por incluir estes alunos para servir os propósitos deste Projeto, visto ter como objetivo a recolha de dados de diferentes opiniões e contextos dentro do tema referido, sendo vantajoso uma visão mais alargada de alunos de diversos graus académicos e idades e dos seus Encarregados de Educação. Os anos/ graus dos alunos abrangidos estão incluídos no intervalo entre o 3º ano de escolaridade do 1º ciclo, ou seja Elementar III e o 9º ano de escolaridade, ou seja, 5º grau, sendo o limite então o 3º ciclo. Estão incluídos todos os anos de escolaridade/graus dentro deste intervalo.

O próximo passo foi a resposta dos alunos ao questionário semanal. Neste caso, foi feito este questionário aos alunos que tanto eles como os Encarregados de Educação, tinham indicado indicaram que eram acompanhados no seu estudo em casa pelo Encarregado de Educação ou por outra pessoa. Não fazia sentido questionar os alunos que não eram acompanhados, visto que as perguntas elaboradas no questionário visavam recolher informações acerca da experiência do aluno, tendo acompanhamento. Neste caso, apenas dois alunos não responderam a este questionário.

No final, apliquei um questionário aos alunos e outro aos professores de diferentes instrumentos.

O questionário final aos alunos teve como objetivo recolher dados acerca da sua experiência no período em que decorreu o estágio profissional, perceber qual a função que o seu

Encarregado de Educação teve no seu estudo e se pretende continuar com esta interação e presença no seu estudo.

Como o questionário inicial dos Encarregados de Educação já englobava questões pertinentes para o Projeto, considerei que seria suficiente para a recolha dos dados pretendidos.

A realização deste questionário aos professores aumenta o leque de informações necessárias para este Projeto, inquirindo outro agente envolvido neste contexto de escola.

No âmbito dos questionários, as dificuldades que surgiram deveram-se a algum atraso na entrega de alguns questionários principalmente por parte de alguns Encarregados de Educação e pelo facto de nem sempre as respostas dadas transmitiam a realidade de cada caso.

Sublinho que, no grupo de alunos, Encarregados de Educação e professores, todos contuíbuíram para o Projeto sem reservas.

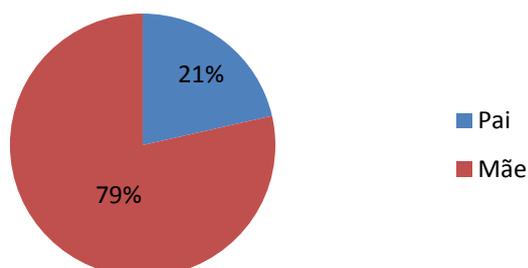
4.3. Questionários e análise de dados

4.3.1. Questionário inicial aos alunos

Gráfico 1 – Quem é o teu Encarregado de Educação?

Esta questão pretende sondar quem assume em maioria o papel de Encarregado de Educação dos alunos intervenientes no estudo. Como atrás foi mencionado, normalmente esse papel é assumido por um dos pais. Neste caso, confirmei este facto.

Quem é o teu Encarregado de Educação?

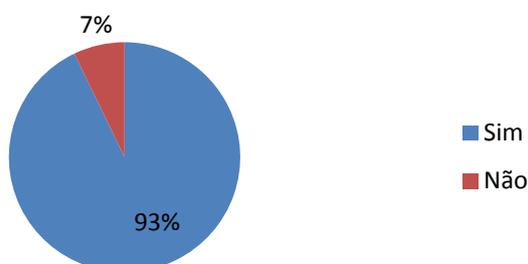


Segundo os resultados, a maior percentagem dos alunos (79%) tem como Encarregado de Educação a mãe, tendo apenas três dos alunos (21%) como Encarregado de Educação o pai. Nenhum aluno tem outra pessoa como Encarregado de Educação.

Gráfico 2 – O teu Encarregado de Educação costuma participar no teu estudo de viola d'arco?

Esta questão é das mais importantes neste estudo porque revela se de facto existe alguma participação, algum papel dos Encarregados de Educação no estudo dos seus filhos.

O teu Encarregado de Educação costuma participar no teu estudo de viola d'arco?



Analisando os dados, verificamos que uma percentagem muito elevada (93%) dos alunos assume uma intervenção dos pais no seu estudo do instrumento. Os 7% que se vê no gráfico é resultado de um aluno do grupo que respondeu que o Encarregado de Educação não intervém de forma nenhuma no seu estudo, nem outra pessoa.

Nesta questão, com a análise posterior dos questionários dos Encarregados de Educação, apercebi-me de um caso em que uma resposta não corresponde à outra. Conhecendo o caso do aluno em questão, pude verificar que, apesar do aluno ter respondido que o Encarregado de Educação participava no seu estudo, este último afirmava que não, por razões que serão exploradas mais tarde neste capítulo.

Nesta questão posso afirmar que, apesar de casos excepcionais, a percentagem de pais que de facto intervêm no estudo do instrumento dos seus educandos é muito positiva.

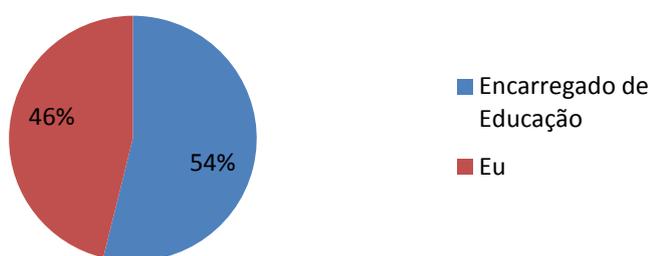
Alguns alunos responderam que outras pessoas costumavam ajudar no estudo para além do Encarregado de Educação. Três alunos afirmaram que por vezes era outra pessoa a intervir no estudo. Num dos casos em que o Encarregado de Educação é o pai, afirma que a mãe por vezes assume esse papel. Noutro caso, em que o Encarregado de Educação é a mãe, o

pai intervém em muito do seu estudo. Neste caso em particular o pai é músico, por isso o aluno procura bastante a sua ajuda quando estuda instrumento. Outro caso semelhante é outro aluno, no qual o pai é Encarregado de Educação mas por vezes é a irmã do aluno que ajuda, visto que também estuda música. Mas neste caso, o pai ajuda muito visto também ter muitos conhecimentos na área da música.

Gráfico 3 – Quem tem a iniciativa que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo de viola d'arco?

Esta questão surgiu no sentido de entender quem é o agente impulsionador deste papel que o Encarregado de Educação pode assumir. É o aluno que sente a necessidade de ter a ajuda de alguém ou é o Encarregado de Educação que assume essa função, querendo por princípio participar no estudo do seu educando?

Quem tem a iniciativa que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo de viola d'arco?



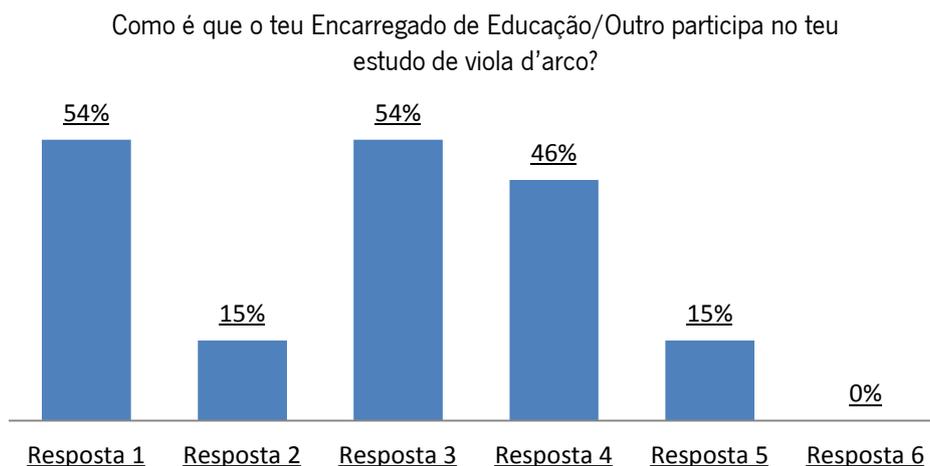
Segundo as respostas, os valores são muito aproximados. O maior número de respostas pertence à opção de que o Encarregado de Educação é que tem a iniciativa de intervir no estudo do seu educando.

Os resultados demonstram que existe interesse dos dois lados em ter esta cumplicidade no estudo do instrumento, tanto do Encarregado de Educação em ajudar o seu educando no seu estudo e do próprio aluno em ter esta componente no seu estudo.

Sublinho que, a partir desta questão, tratei os dados de apenas treze alunos, visto que um dos alunos respondeu que não tem intervenção no estudo nem do Encarregado de Educação nem outra pessoa, ou seja, não é contabilizado neste ponto do estudo.

Gráfico 4 – Como é que o teu Encarregado de Educação/Outro participa no teu estudo de viola d’arco?

Todos os intervenientes têm diferentes ideias do que é intervir no estudo do aluno. Por este facto, foram incluídas várias respostas possíveis para cada caso, convidando o aluno a escolher uma ou várias que os auxiliasse a caracterizar melhor esta participação do Encarregado de Educação.



Resposta 1 - Diz-me quando devo estudar.

Resposta 2 - Ajuda-me a marcar um horário de estudo e controla o tempo que estudo.

Resposta 3 - Está comigo enquanto estudo e ouve-me a tocar.

Resposta 4 - Vê comigo as indicações para o trabalho de casa e ajuda-me a entender o que está bem e o que estou a fazer mal, ou seja, acompanha-me durante todo o tempo que estou a estudar.

Resposta 5 - Apenas quando tenho dúvidas e lhes peço ajuda.

Resposta 6 – Outra opção.

As respostas mais escolhidas, com o mesmo número de respostas, são quando o Encarregado de Educação lhes diz quando devem estudar (Resposta 1) e acompanha o aluno estando perto do aluno e ouvindo (não intervindo diretamente) o que ele está a estudar (Resposta 3).

A opção na qual o Encarregado de Educação faz um acompanhamento total do seu estudo, sabendo o que o educando tem que fazer (os exercícios, o programa, etc.) e ajudando-o

a entender o trabalho, estando atento a todos os pormenores do estudo (Resposta 4), sendo a diferença entre as respostas de apenas um aluno.

Na Resposta 4, a qual corresponde ao Encarregado de Educação que realmente tem um papel ativo e atento ao estudo do seu filho, 3 alunos responderam unicamente a esta opção. Estão representados nesta Resposta os 3 ciclos do ensino básico, do 3º ano até ao 8º ano (Elementar III ao 4º grau). Os alunos que escolheram a Resposta 4 afirmam então ter um grande apoio dos seus Encarregados de Educação no seu estudo.

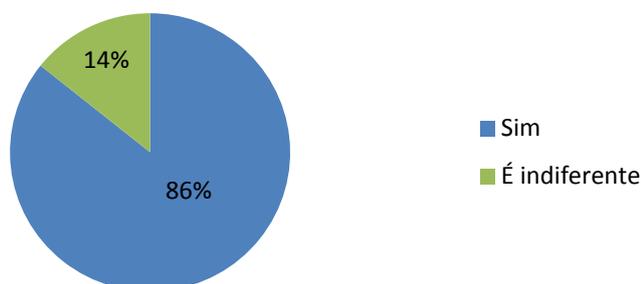
Nas respostas menos escolhidas, temos a Resposta 2 e a 5. Nestes dois casos apresento um cenário em que os Encarregados de Educação não intervêm diretamente no estudo dos seus educandos, mas assumem um papel mais incentivador ou de apoio em casos de obstáculos no estudo do seu educando (Relembrar ao educando que tem de estudar e apenas quando tenho dúvidas. Neste último caso, o aluno é que tem, em princípio, a iniciativa em pedir ajuda ao eu Encarregado de Educação).

Estas respostas foram escolhidas por alunos mais velhos (8º e 9º ano, 4ª e 5ª Grau), em fase de aprendizagem em que já começam a revelar alguma independência no seu estudo, caminhando para a autonomia tão essencial ao processo autorregulatório. Uma das respostas pertence a um aluno do 5º ano, ou seja, 1º grau, mas o mesmo aluno escolheu a resposta 4, onde o Encarregado de Educação tem um seguimento mais presente no estudo do seu educando, ou seja, este caso particular afirma o papel importante que o seu Encarregado de Educação adopta.

Gráfico 5 – Achas importante que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo?

É importante entender se os alunos vêem esta participação ou papel do Encarregado de Educação como algo importante na sua educação ou se não assume qualquer utilidade.

Achas importante que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo?



Todos os alunos que responderam positivamente à questão se o Encarregado de Educação participa no seu estudo, responderam sim nesta questão (86%), ou seja, confirmavam que esta participação era importante.

Os alunos que não usufruíam do mesmo contexto no seu estudo responderam “É indiferente”. Possivelmente, como não possuem o hábito de ter um acompanhamento no seu estudo não entendem o papel que o Encarregado de Educação pode ter no seu estudo.

A questão que surge é, serão estes alunos autorregulados?

Estou a falar de dois casos em fases diferentes de aprendizagem. Um frequenta o 2º ciclo e outro o 3º ciclo. Na experiência adquirida em fase de estágio, apercebi-me que estes dois alunos apresentavam bastantes falhas em questões de organização, de regularidade de estudo. Nas aulas apercebia-me que os alunos não estudavam e estavam mal preparados para as aulas. Sempre admitiram que, quando estudavam, estavam sozinhos.

Estas características não são de todo associadas a um aluno autorregulado ou que se prepara para tal. O aluno autorregulado é capaz de organizar, preparar e regular o seu estudo de acordo com as suas necessidades. Nestes casos claramente isso não acontece.

Para completar esta questão, foi pedida uma justificação das escolhas de cada um.

As respostas mais frequentes foram, citando:

- “Sim é importante porque o Encarregado de Educação diz para estudar e dá-me apoio”.
- “É importante ouvir-me a tocar para eu perceber o que eu estou a fazer mal e corrigir-me.”

- “É importante a participação do meu Enc. de Educação, para mim, para ter uma opinião de como está a evoluir o meu estudo, dos meus erros e também acho que é importante o incentivo para o estudo”.

Sublinho as palavras-chave das respostas. Incentivo, apoio, segurança, opinião, ajuda, motivação. Então, o Encarregado de Educação assume um papel de agente incentivador, que proporciona ao aluno uma sensação de segurança e também surge como um juiz do sucesso ou não que o aluno está a ter nas tarefas no seu estudo. Poderemos associar algumas destas características a um professor. A segurança que o aluno sente com a sua presença, quem dita o que está bem e mal e ajuda e guia o aluno no seu estudo.

Posso, através destas respostas, ver que o Encarregado de Educação tem um papel na autorregulação do seu educando. Ajuda-o a entender o seu percurso de estudo, incentivando o aluno a estudar, estando atento e auxiliando o aluno a perceber o que faz de errado e o que está bem. Com estas indicações e intervenção dos Encarregados de Educação, os alunos começam a entender qual o caminho certo a percorrer para o sucesso do seu estudo.

Neste questionário foi possível concluir que, em geral, os alunos atribuem um papel necessário e importante aos seus Encarregados de Educação no seu estudo. Existem dois casos neste grupo de alunos que não têm o acompanhamento sistemático dos seus Encarregados de Educação. Em ambos os casos, esta situação é visível nas aulas. Um destes alunos respondeu que o seu Encarregado de Educação participava no seu estudo, mas apenas incentivando-o a estudar. Os dados foram processados de acordo com as respostas que os alunos deram, mas é importante mencionar a realidade que conheci ao longo da aplicação do Projeto.

Em geral, os Encarregados de Educação têm um papel ativo no estudo dos seus educandos, neste contexto. Grande parte dos alunos assume que os seus Encarregados de Educação os incentivam a estudar e ouvem o que eles tocam. Uma das opções passa por caracterizar o papel do Encarregado de Educação como de um acompanhamento atento e bastante ativo no estudo dos seus educandos (“Vê comigo as indicações para o trabalho de casa e ajuda-me a entender o que está bem e o que estou a fazer mal, ou seja, acompanha-me durante todo o tempo que estou a estudar.”), não foi a resposta mais escolhida (46% dos alunos), mas incluiu respostas de alunos dos três ciclos aqui estudados.

No grupo de alunos intervenientes no Projeto, nenhum é totalmente autorregulado, mas em alguns casos os alunos já não necessitam de um acompanhamento mais abrangente como noutros casos. Nos alunos do final do 3º ciclo (9º ano, 5º Grau), apesar dos Encarregados de Educação ainda assumirem um papel no seu estudo, já passa apenas por um incentivo para que

o educando estude. Nos restantes alunos, desde o 3º ano (Elementar III), no 1º ciclo e o 8º ano (4º Grau), ou seja, 3º ciclo, os Encarregados de Educação assumem um papel mais ativo e mais sistemático no estudo dos seus educandos. Os alunos do 3º ciclo começam já a ganhar alguma independência, mas, por exemplo, apenas um aluno do 8º ano afirmou que o seu Encarregado de Educação acompanha todo o processo do seu estudo, tendo os outros respondido que o acompanhamento passa apenas pelo incentivo e pelo escutar o que ele faz quando estuda. No caso do 7º ano, o estudo tem um acompanhamento mais acentuado que os restantes anos de escolaridade do 3º ciclo. Penso que no 3º ciclo é a fase onde se denota mais diferenças a nível do acompanhamento, estando os três anos, 7º, 8º e 9º em diferentes patamares de autorregulação.

Nos restantes ciclos, tirando o único caso onde não existe o acompanhamento sistemático do estudo do educando por parte do seu Encarregado de Educação (frequentava o 2º ciclo no período de aplicação do Projeto), todos os alunos têm um acompanhamento mais sistemático e mais ativo no que conta às funções que os Encarregados de Educação. Nem todos são acompanhados da mesma forma. O 1º ciclo é onde os alunos têm um acompanhamento mais ativo, de acordo com a afirmação “Vê comigo as indicações para o trabalho de casa e ajuda-me a entender o que está bem e o que estou a fazer mal, ou seja, acompanha-me durante todo o tempo que estou a estudar.” No 2º ciclo também está presente esta ideia de um acompanhamento mais ativo pelos Encarregados de Educação.

É difícil dividir claramente por ciclos as necessidades de um papel do Encarregado de Educação na autorregulação no estudo dos alunos questionados, porque há respostas mistas, em termos de ciclos frequentados, em cada questão.

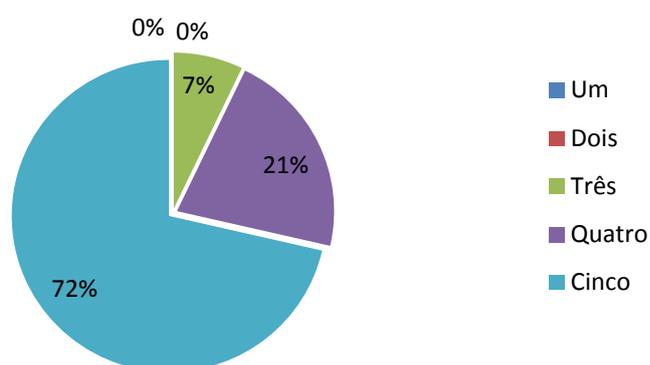
Foi possível verificar que, segundo os alunos, os Encarregados de Educação, ao acompanhá-los no estudo, proporcionam-lhes uma sensação de apoio, incentivam-nos a estudar e, essencial para o processo autorregulatório, motivam-nos e influenciam a sua autoconfiança, que podemos associar ao conceito de autoeficácia.

4.3.2. Questionário aos Encarregados de Educação

Gráfico 6 – Que nível de importância atribui ao acompanhamento dado pelo Encarregado de Educação no estudo de viola d’arco do seu educando?

Esta questão surge como um indicador do nível de importância que os Encarregados de Educação atribuem ao seu papel na autorregulação dos seus educandos. É importante entender estas opiniões, porque o Encarregado de Educação é dos agentes principais neste Projeto e alvo das perguntas que me guiaram no desenvolvimento deste Projeto.

Que nível de importância atribui ao acompanhamento dado pelo Encarregado de Educação no estudo de viola d’arco do seu educando?



A maioria outorga que este papel é essencial no estudo dos seus educandos. 93% (“Cinco” – 72% mais “Quatro” – 21%) dos casos atribui o valor máximo (Cinco – Essencial) ou o anterior (Quatro). É uma percentagem elevada dos questionados que assume que o seu papel é essencial ou muito importante no estudo do seu educando. Apenas um atribui um nível médio a essa importância.

Foi pedido, após esta questão, que justificassem a sua escolha.

As respostas dadas pelos Encarregados de Educação não diferem em grande escala dos seus educandos.

As palavras-chave que surgem nestas respostas são: motivação, controlo, incentivo, apoio, opinião, acompanhamento, empenho, estímulo, valorização, autonomia.

De seguida passo a citar algumas das respostas mais relevantes para esta questão:

- “Desde que o meu educando iniciou o estudo de um instrumento musical que me foi explicada a importância de um acompanhamento permanente, quer vigiando o horário de estudo, quer verificando que eram por ele observadas e trabalhadas as indicações do professor. Verifiquei que os progressos efetuados semanalmente eram tanto maiores quanto maior a dedicação ao estudo supervisionado. Tenho consciência que hoje não posso ajudar em todos os aspetos do estudo, mas o controlo sobre um horário de estudo, e estar por perto a incentivar ao rigor, a uma melhor afinação, a trabalhar os aspetos indicados pelo professor, elogiando os pequenos e grandes progressos, não ainda fundamentais e têm ajudado a uma cada vez mais autonomia do meu educando.”
- “A minha filha gosta muito que eu a acompanhe a estudar o instrumento, diz-me que eu lhe dou muita força, incentivo-a.” Aqui menciono uma opinião de um Encarregado de Educação do 1º ciclo. “Eu pessoalmente dou muita coragem, força e dedico muito tempo nas tarefas escolares da minha filha, dando muita importância aos temas estudados nas aulas.” E termina com uma frase que considero de grande importância para o tema deste Projeto. “A música é muito importante para o desenvolvimento intelectual e emocional de uma criança.”
- “Motiva o meu filho (...)”, “Possibilitar fazer uma análise crítica do seu desempenho (...)”, “Estímulo do estudo. Incremento do método e ritmo do estudo.”, “(...) (o acompanhamento), funciona, na minha opinião, como o elo de ligação na evolução contínua do aluno (...)”, “É, igualmente, necessário corrigi-lo, alertando-o para os sons “pouco” agradáveis que o descontrolo ou o controlo menos cuidado do arco produz.”. Aqui juntei algumas expressões que definem o conjunto de respostas que os Encarregados de Educação deram nos questionários.
- Para terminar esta análise cito outras duas respostas fundamentais para o Projeto. “É fundamental no estabelecimento de tempos de estudo e cumprimento destes horários. O incentivo do encarregado de educação tem um papel fundamental no ritmo de aprendizagem” e “Só com o apoio constante e regular do encarregado de educação no estímulo da aprendizagem do estudo de viola d’arco, é que gradualmente e com o tempo se pode criar um maior interesse e conseqüente empenho do educando.”

Como pude entender dos questionários dos alunos, o Encarregado de Educação surge como um agente incentivador do estudo do seu educando. Segundo estes questionário, o

Encarregado de Educação guia, controla, motiva e opina em relação ao trabalho do seu educando.

Pelas respostas que citei, os Encarregados de Educação vêem-se a eles mesmos como professores em casa (apesar de muitos sublinham o facto de não serem músicos nem terem qualquer formação musical, tentam proporcionar ao seu educando um acompanhamento do seu estudo) que guia o seu educando através de tarefas prescritas pelo professor de instrumento. São como um professor que ensina ao aluno como estudar e o encaminha pelos caminhos que devem percorrer para serem bem sucedidos no seu estudo.

É de salientar que alguns Encarregados de Educação têm a consciência que o ensino da música deve ser respeitado e que tem um impacto na vida dos seus educandos a nível pessoal e académico e de preparação para o seu futuro (numa das respostas citadas está especificada esta opinião).

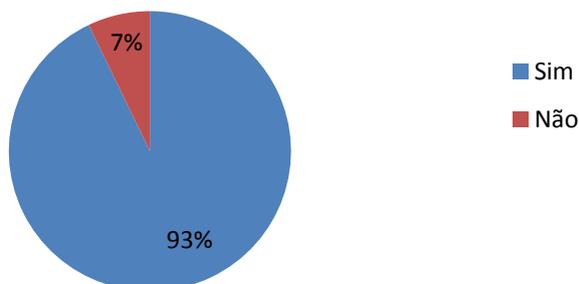
Saliento que do 1º ciclo ao 3º ciclo, neste contexto, os Encarregados de Educação defenderam a importância do seu papel no estudo do seu aluno.

Gráfico 7 – Assume um papel ativo no estudo de viola d’arco do seu educando?

Foi possível verificar, pelas respostas dadas na pergunta anterior que grande parte dos Encarregados de Educação (93%) atribuem um nível de muito importante e essencial ao seu papel no estudo dos seus educandos.

Mas têm realmente um papel ativo no estudo dos seus educandos? Desta questão surge a necessidade de inquirir os Encarregados de Educação acerca do seu papel ativo ou não no estudo dos seus educandos.

Assume um papel ativo no estudo de viola d'arco do seu educando?



Nesta questão, praticamente todos os Encarregados de Educação responderam que assumem um papel ativo no estudo (93%). Os 7% de resposta negativa provém apenas de um questionado.

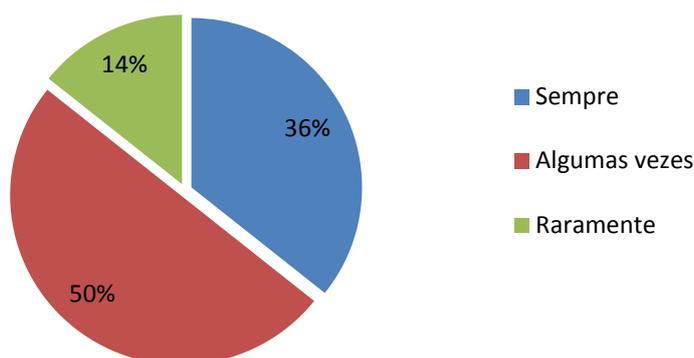
Gostaria de salientar dois casos que surgem aqui. O Encarregado de Educação que respondeu de forma negativa em primeiro lugar. O seu educando respondeu de forma positiva ao questionário feito aos alunos. Em análise contínua durante o estágio, apenas a resposta do Encarregado de Educação é verdadeira.

O outro caso é exatamente o inverso do anterior, no sentido em que o Encarregado de Educação é que providenciou uma caracterização que não correspondia à realidade. Mais uma vez, conhecendo o aluno e o seu contexto e evolução durante o período de estágio, é certo afirmar que não há qualquer intervenção do Encarregado de Educação no estudo deste aluno.

Gráfico 8 – O seu educando costuma ter a iniciativa para estudar viola d'arco?

Esta questão surge como uma forma de dar seguimento a uma pergunta feita aos alunos. Para os alunos, questionei se o Encarregado de Educação é que tinha a iniciativa de participar no seu estudo. Qual é a versão dos Encarregados de Educação?

O seu educando costuma ter a iniciativa para estudar viola d'arco?



Nem todos os Encarregados de Educação têm a mesma resposta que os seus educandos. Metade dos inquiridos revelam que nem sempre é o educando a ter a iniciativa. Os resultados são semelhantes aos dos alunos em termos de percentagens. Os resultados revelam que existe um equilíbrio entre os dois agentes mencionados (Encarregado de Educação e aluno)

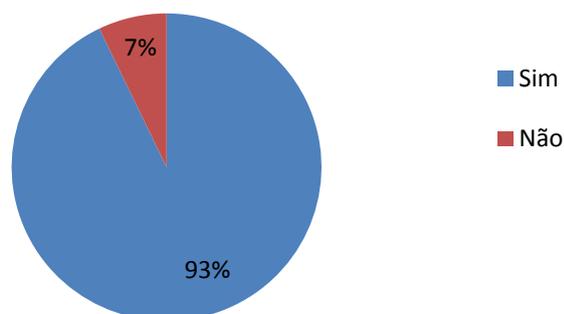
no iniciativa ou incentivo para o aluno estudar. Surgem dois casos que mencionam o “Raramente”.

Falamos de um caso do 1º ciclo e o outro do 3º ciclo. Um dos casos tem sido mencionado constantemente de forma negativa. O aluno do 3º ciclo. Queria salientar que este caso se diferencia dos outros num ponto.

Gráfico 9 – O seu educando faz pequenas audições em casa, como parte de uma preparação para tocar para um público e para mostrar o seu trabalho?

Fazer pequenas audições em casa é uma forma de o aluno mostrar o seu trabalho em casa e ao mesmo habituar-se a estar em situações mais sérias como audições na escola ou noutros contextos onde tenha de tocar para um público ou júri. Também é uma forma de obter um feedback do Encarregado de Educação, através da opinião dele. É uma forma de o Encarregado de Educação moldar a motivação do seu educando, incentivando-o a tocar, trabalhar o processo de auto-eficácia do seu educando, dando a sua opinião, trocando impressões com o seu educando para o ajudar a construir um estudo mais organizado e eficaz.

O seu educando faz pequenas audições em casa, como parte de uma preparação para tocar para um público e para mostrar o seu trabalho?

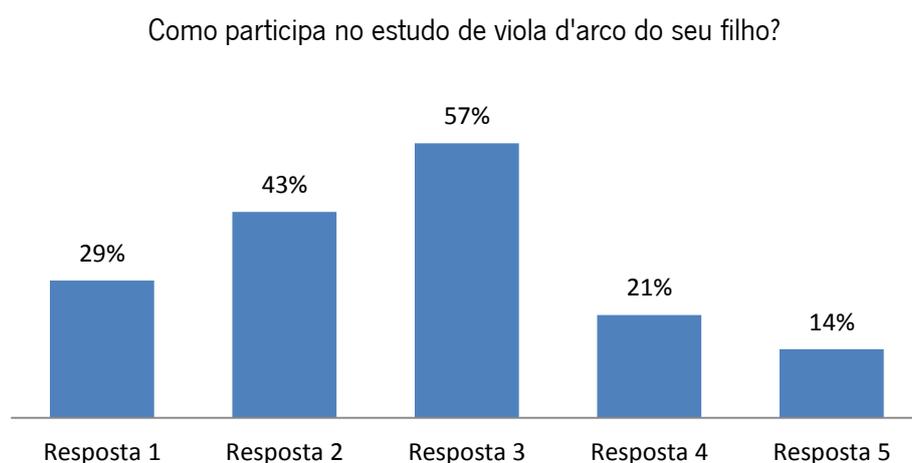


Novamente, a resposta positiva é dada pela grande parte dos Encarregados de Educação que responderam ao inquérito (93%). Apenas um dos Encarregados de Educação afirmou que não acontece.

Esta ferramenta de avaliação do trabalho do educando é então muito utilizada neste papel que o Encarregado de Educação assume na autorregulação do seu educando. É uma forma de o aluno ter uma noção dos efeitos do seu estudo.

Gráfico 10 - Como participa no estudo de viola d'arco do seu filho?

É importante entender como assume o Encarregado de Educação o seu papel no estudo do seu educando. É ativo, no sentido de acompanhar todos os passos do estudo do seu educando, seguindo as indicações do professor, ajudando o aluno em cada momento do seu estudo, estando atento ou apenas um papel de incentivo ou de controlo apenas se o educando estuda ou não ou dos seus horários.



Resposta 1 – Apenas o incentivo a estudar.

Resposta 2 – Controlo o seu tempo de estudo em termos de tempo e quando deve estudar.

Resposta 3 – Incentivo o meu educando a estudar perto de mim, estando atento(a) ao que ele(a) toca.

Resposta 4 - Faço um acompanhamento de todo o seu estudo, conhecendo e ajudando o meu educando a entender as indicações do(a) professor(a) de Viola d'Arco e ajudando-o no que for possível, dando muita atenção a tudo o que tem de estudar.

Resposta 5 – Outro.

Nesta questão, os Encarregados de Educação tiveram a possibilidade de escolher mais do que uma resposta. A resposta 3, onde o Encarregado de Educação assume uma posição de atenção mas não de acompanhamento direto e consistente do estudo do aluno, foi a mais escolhida (57%). Esta resposta envolveu pessoas do contexto dos três ciclos analisados neste capítulo. Tendo alguém atento, na análise anterior aos questionários iniciais dos alunos, a

sensação de segurança e de motivação é grande da parte dos educandos quando os Encarregados de Educação estão atentos e interessados no seu estudo.

A resposta que se segue é a que dita o papel de incentivo e controlo que o Encarregado de Educação pode assumir neste contexto (42,9%).

A resposta que classifica um acompanhamento mais aprofundado do estudo do aluno (resposta 4) foi uma das menos escolhidas. É um resultado pouco esperado, visto que os Encarregados de Educação assumiram que um papel ativo no estudo dos seus educandos é essencial ou muito importante. Os Encarregados de Educação que escolheram esta resposta estão inseridos no contexto de 1º e 2º ciclo, mais especificamente 3º, 4º e 5º ano (Elementar III e IV e 1º Grau).

A primeira questão foi escolhida por Encarregados de Educação que também se identificaram com outras respostas. O único caso que escolheu apenas esta resposta é do Encarregado de Educação que disse não intervir no estudo do seu educando, apesar de por vezes o incentivar a estudar.

No caso da opção onde os Encarregados de Educação escreveram outra resposta, citando, afirmaram que:

- “Faço um acompanhamento do seu estudo, incentivando-o a seguir as indicações do(a) professor(a) de viola d’arco e ajudando-o no que for possível, dando atenção a tudo o que tem de estudar.”
- “O meu critério é essencialmente o que ouço e o efeito estético que consegue atingir bem como a forma “apaixonada” ou não, que coloca durante o seu estudo (eu não sei música!)”.

Gráfico 11 - Participando ativamente no estudo do seu educando, sente que essa participação tem alguma importância no empenho e estima do seu educando?

Qual a importância que os Encarregados de Educação atribuem a este papel no estudo do seu educando para a evolução e para a própria postura que o aluno assume no seu estudo.

Nesta questão, dois Encarregados de Educação não responderam, visto que este caso só se aplica a Encarregados de Educação que assumem algum papel no estudo dos seus educandos.

A resposta foi unânime nesta questão. Todos assumem que o seu papel tem de facto importância na estima e empenho do seu educando.

Gráfico 12 - Sente diferença quando participa no estudo de viola d'arco do seu filho e quando não participa?

Esta questão tem como objetivo verificar se o Encarregado de Educação questionado entende o seu papel no estudo do seu educando e como se reflete esse mesmo papel.

Nesta questão, todos os Encarregados de Educação incluídos no Projeto responderam e todos afirmaram que realmente a sua intervenção faz a diferença no estudos dos seus educandos. Com esta resposta unânime, pude verificar que é geral a opinião que a intervenção do Encarregado de Educação tem um papel importante no estudo dos alunos.

Gráfico 13 - Como caracteriza, baseado na sua experiência, a influência do Encarregado de Educação no estudo de instrumento de um aluno?

Esta questão é de natureza aberta. Pedi aos Encarregados de Educação questionados que partilhassem a sua opinião acerca do papel ou da influência que o Encarregado de Educação tem no estudo do seu educando.

As palavras-chave das respostas dadas são motivação, empenho, autodisciplina, segurança, autoconfiança, incentivo.

Sublinho que nestas palavras que surgem em geral nas respostas surgem três conceitos essenciais para a autorregulação, motivação, autodisciplina e autoconfiança (associados à autoeficácia).

Cito algumas das respostas que resumem eficazmente todas as respostas dos Encarregados de Educação:

- “A influência do Encarregado de Educação é de extrema importância, especialmente no início do estudo do instrumento, para que o aluno ganhe rotinas, autodisciplina e gosto pelo estudo”.
- “Na minha experiência, considero que a intervenção do Encarregado de Educação no estudo de instrumento de um aluno depende, essencialmente das características deste último. Tenho dois filhos e o processo e a influência da minha parte no seu estudo é completamente diferente. Um é autónomo e gere tudo sozinho; o outro necessita de controlo constante. No entanto saliento que o incentivo e o esforço positivo e o acompanhamento (nem que seja emocional) opera “milagres”.
- “A influência do encarregado de educação é determinante nomeadamente no que concerne à motivação.” “Penso que ajuda muito na motivação para o estudo do

instrumento, leva-o a perceber melhor a importância dos treinos, bem como faz com que esses momentos sejam feitos com mais rigor.” “Maior autoconfiança à medida que vai conhecendo , estudando as peças e estudos. Audições mais confiantes e mais ricas em informação sobre a sua personalidade e forma como conta a sua história contida nas peças.”

Indo ao encontro do tema deste Projeto, os Encarregados de Educação questionados, em geral, mostraram dar muita importância ao seu papel no estudo dos seus educandos. Mesmo aqueles que afirmavam não acompanhar, normalmente, os seus educandos no seu estudo, revelaram que associam a este papel uma certa importância.

Em certas respostas encontro uma ligação muito forte com o caminho de crescimento do aluno para um estudo autorregulado. O Encarregado de Educação vê como sua função o ajudar o aluno a seguir este caminho da forma correta.

A motivação é vista, em geral, como uma das grandes vantagens da influência dos Encarregados de Educação no estudo dos seus educandos. Como tem sido mencionado constantemente neste relatório, a motivação surge como uma das metas essenciais a atingir por um aluno que procura ser autorregulado.

Outro conceito procurado pelo aluno autorregulado ou que caminha para o ser, é mencionado nas respostas dos Encarregados de Educação. Ter o Encarregado de Educação a acompanhar o aluno, a ouvi-lo e a partilhar com ele a sua opinião acerca do que o aluno tocou e como o fez, trabalha também a confiança com que o aluno se apresenta a um público e a um júri, ou seja, o aluno desenvolve a sua autoconfiança, ligada fortemente ao sentido de autoeficácia.

Quanto às fases de aprendizagem em que os alunos se encontram (ciclo, ano, grau), relembrando que falo do 1º, 2º e 3º ciclo, grande parte dos Encarregados de Educação assumem um papel ativo no estudo dos seus educandos. O que varia é a forma como o fazem.

O acompanhamento total (ver as indicações do trabalho de casa, ouvir o educando a tocar, comentando o que ele fez, ou seja, estando presente em todo o processo de estudo) é feito por uma parte pequena dos Encarregados de Educação, de alunos do 1º e 2º ciclo do ensino. O que os restante dizem fazer consistia em apenas partes deste acompanhamento atrás mencionado, apenas ouvir o aluno a tocar, incentivar a estudar, controlar o tempo de estudo, entre outras formas.

As respostas são mistas em termos do ciclo em que os alunos estudam. No caso da resposta onde os Encarregados de Educação incentivam o aluno a estudar a seu lado e escutam o que ele estuda, existe uma representação dos três ciclos estudados.

Este acompanhamento varia muito, não prevalecendo uma divisão clara do papel dos Encarregados de Educação em cada ciclo. O que é certo é que existe uma grande diferença entre o Encarregado de Educação que acompanha e o que não acompanha o seu educando no estudo. No primeiro caso, é claro que existe um acompanhamento (o aluno estudou, mostra evolução de uma aula para outra, em conversa com os Encarregados de Educação conhece-se o contexto de casa, entre outros sinais desse papel que o Encarregado de Educação assumiu) e no outro caso, o aluno, normalmente, está claramente “perdido” no seu estudo. Escolhi o uso do termo “perdido” porque é esse o estado organizativo do estudo dos alunos. Pela experiência que tive com estes alunos, um número grande de aulas era passado a fazer o que os alunos deveriam ter feito em casa (leitura, limpeza do programa a estudar, etc.).

Nitidamente não havia no estudo destes alunos alguém que controlasse, que os incentivasse a estudar. Um dos Encarregados de Educação respondeu à última questão do questionário, afirmando que “Quando o aluno não sente muita iniciativa nem motivação para o instrumento, a intervenção do Encarregado de Educação fica um pouco limitada, o único efeito prende-se com a obrigatoriedade do estudo.” Segundo estas palavras, o aluno não motivado nem com iniciativa só deixa espaço para o Encarregado de Educação o incentivar a estudar. Nunca teremos um aluno autorregulado se o seu estudo for uma obrigatoriedade e não um gosto, motivado e repleto de autoconfiança.

Um facto interessante nas respostas dos Encarregados de Educação é que, numa das respostas, o termo “milagres” surge num contexto onde o questionado relata o que pensa do papel que assume no estudo do seu educando.

4.3.3. Questionários semanais aos alunos

Quanto aos questionários semanais, farei apenas uma breve anotação, visto que o carácter destes questionários passava apenas por uma monitorização do estudo dos alunos, dentro do contexto do tema, para verificar se o acompanhamento dos seus Encarregados de Educação era constante.

Apenas dois alunos revelaram que isso não aconteceu. Relembro que os alunos que não tinham acompanhamento no seu estudo, não responderam aos questionários semanais.

Neste questionário inclui uma questão onde os alunos podiam escolher qual era a forma como esse acompanhamento foi feito durante a semana.

A opção mais escolhida foi “Ouviru-me a estudar”, seguida de “Viu o meu trabalho de casa no diário da aula e ajudou-me a estudar, a compreender as atividades que o(a) professor(a) me mandou fazer e a organizar o meu estudo, estando sempre comigo enquanto eu estudo”. “Apenas me incentivou a estudar” segue estas duas respostas em número. “Apenas controlou o meu tempo de estudo” e escrever outra opção foram as menos escolhidas, de forma significativa.

Em geral, os alunos mantiveram as suas respostas durante a semana, havendo sempre algumas alternâncias entre a resposta “Ouviru-me a estudar” e “Viu o meu trabalho de casa no diário da aula e ajudou-me a estudar, a compreender as atividades que o(a) professor(a) me mandou fazer e a organizar o meu estudo, estando sempre comigo enquanto eu estudo”.

As outras respostas, dadas pelos próprios alunos, passaram por, cito:

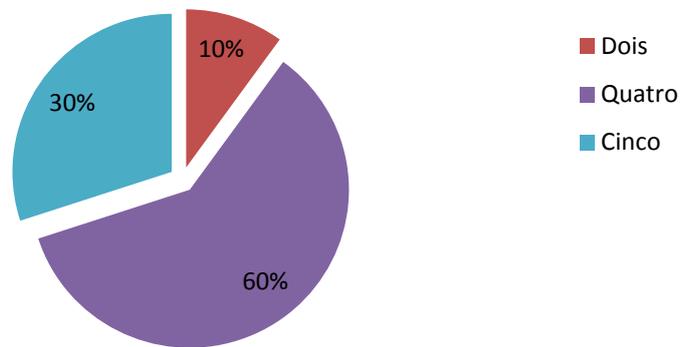
- “Ajudou a ler as notas e os ritmos”.
- “Disse-me o que estava a fazer mal o que estava a fazer bem”.
- “Ajuda-me, olha pela afinação e acompanha-me no cravo”.

4.3.4. Questionários finais aos alunos

Gráfico 14 - Agora que chegamos ao final do ano, como classificas a importância que o teu Encarregado de Educação teve no teu estudo de instrumento?

A importância desta questão passa por entender se a opinião que os alunos deram anteriormente, no questionário semanal se mantém depois do período em que foi trabalhado o Projeto e qual o grau de importância que os alunos associam a este papel do seu Encarregado de Educação.

Agora que chegamos ao final do ano, como classificas a importância que o teu Encarregado de Educação teve no teu estudo de instrumento?



No questionário inicial, questionei os alunos acerca da importância que associavam ao papel do seu Encarregado de Educação, respondendo sim, não ou se era indiferente.

Expeto dois alunos, todos responderam que sim. Nenhum respondeu não.

Nesta questão, já no questionário final, pedi-lhes que associassem uma classificação numérica a essa importância depois do período de estágio, sendo Um – Sem importância e Cinco – Essencial.

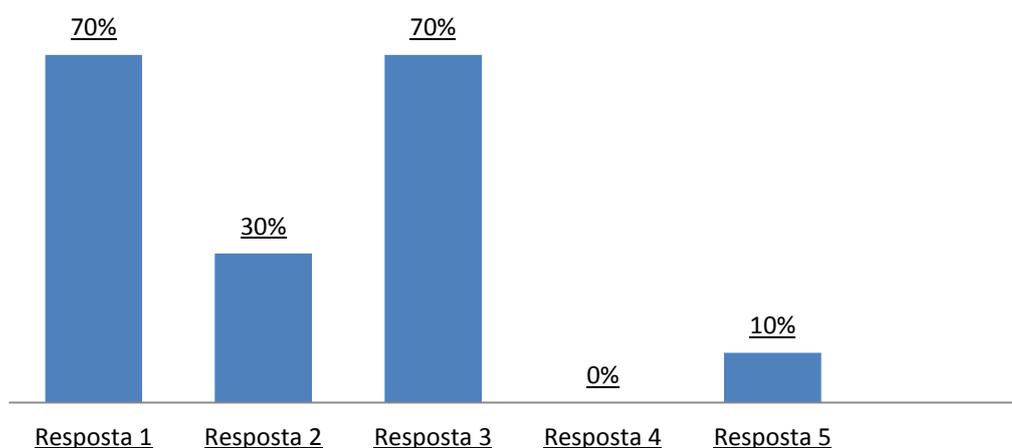
Grande parte dos alunos associou uma classificação alta (Quatro, com uma percentagem de 60%) e apenas 30% responderam que era Essencial (Nível Cinco), demonstrando que este papel do Encarregado de Educação é importante para eles. Pelo estudo que foi feito até agora das respostas e escolhas de cada inquirido, desde o aluno até ao seu Encarregado de Educação, não é uma resposta que suprenda, visto que até este ponto todos afirmaram que era importante ou mesmo essencial.

A associação da classificação de Dois foi feita por alunos que não possuem um acompanhamento em casa, como foi possível verificar pelos questionários anteriormente analisados. Se não existe um acompanhamento, normalmente, pela parte do Encarregado de Educação no estudo destes alunos, é compreensível que não associem alguma importância a este contexto, visto não terem presentes as suas consequências.

Gráfico 15 - Em que aspeto(s) pensas que foi importante a influência do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo da viola d'arco?

Nesta questão procuro entender como foi importante a influência do Encarregado de Educação no estudo destes alunos, em que aspetos é que os alunos se sentiram influenciados neste contexto.

Em que aspeto(s) pensas que foi importante a influência do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo da viola d'arco?



Resposta 1 – Senti-me apoiado.

Resposta 2 – Ultrapassei dificuldades e dúvidas que fui tendo ao longo do meu estudo.

Resposta 3 – O meu estudo foi bem estruturado e assíduo.

Resposta 4 – Não teve qualquer importância.

Resposta 5 – Outro.

“Senti-me apoiado” e “O meu estudo foi bem estruturado e assíduo” foram as respostas dadas com valores iguais (70%). Pelas respostas, sublinho novamente o papel incentivador e de controlo do Encarregado de Educação quando os alunos estudam. O papel de dar apoio ao aluno (alguns Encarregados de Educação também o mencionaram nos seus questionários) é muito falado nos questionários feitos neste Projeto. O aluno vê o Encarregado de Educação como um agente de segurança, de apoio para quando as dificuldades e as dúvidas surgem e tem presente alguém que se interessa pelo seu estudo e o ouve. Esta atitude do Encarregado de Educação e a noção do aluno pode evoluir para uma ideia que o estudo vale a pena e é uma ferramenta

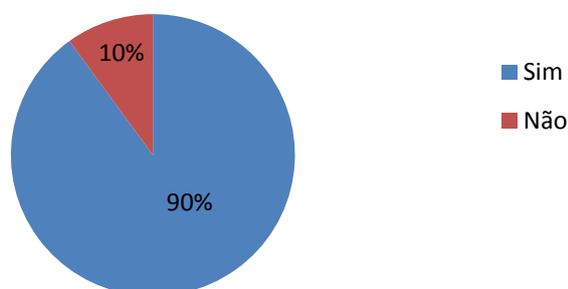
segura para que o aluno evolua na sua aprendizagem do instrumento. Se o aluno se sente apoiado sente-se motivado e sente que o seu estudo é eficaz.

O Encarregado de Educação surge também como alguém que permite ao aluno estruturar o seu estudo, de estudar efetivamente e de desenvolver ferramentas que tornam esta ação eficaz e segura. O aluno aprende que estudar é bom para o seu desenvolvimento. Ao longo deste Projeto, esta foi uma das ideias que me surgiu. O aluno, com apoio dos Encarregados de Educação em diferentes vertentes do seu estudo, aprende que o o estudo é bom para o seu desenvolvimento, para o seu crescimento.

Gráfico 16 – O acompanhamento do teu Encarregado de Educação/Outro foi constante este ano letivo?

Depois de perceber a importância que cada inquirido associava a este papel do Encarregado de Educação, é necessário verificar se foi sempre respeitado este contexto.

O acompanhamento do teu Encarregado de Educação/Outro foi constante este ano letivo?



Claramente, um número elevado de alunos respondeu a esta questão com “Sim” (90%), confirmando que os Encarregados de Educação tiveram, sistematicamente, um papel ativo no seu estudo.

Apenas um aluno afirmou que não. Após esta questão, incluí uma questão que requeria justificar caso a resposta à pergunta anterior fosse não. O caso único que respondeu que não afirmou que “Porque o meu Encarregado de Educação só me ajudou às vezes”.

Mais uma vez, o problema da veracidade das respostas aos questionário surge neste caso. Devido ao conhecimento de certos casos já mencionados, surpreende que apenas um aluno tenha respondido que não a esta questão.

Gráfico 17 – O teu Encarregado de Educação assistiu às tuas audições/Concertos?

A audição na escola é uma das situações onde o aluno se encontra mais vulnerável, visto estar a apresentar-se para um público para demonstrar o seu trabalho. É uma situação delicada em que o aluno precisa de apoio e é essencial para a noção que tem da sua autoeficácia. Uma audição bem sucedida é também uma forma de o aluno se motivar no seu estudo e na sua aprendizagem do instrumento.

O Encarregado de Educação, como já foi possível verificar, é um apoio para o aluno. Evidentemente, nesta situação delicada para o aluno, ter o seu Encarregado de Educação a assistir poderá ser um dos ramos do papel a assumir na autorregulação.

Nesta questão verificamos que todos os Encarregados de Educação, independentemente do contexto do aluno, assistem às audições dos seus educandos. Então é geral a utilização desta forma de motivar o seu educando, de lhe dar apoio e permitir ao aluno que a sua autoeficácia e a sua motivação para estudar e progredir na sua aprendizagem aumentem e o aluno se aproxime mais de um processo autorregulatório.

Posteriormente a esta questão, pedi aos alunos que justificassem a sua resposta, questionando-os **“Como é que a presença do teu Encarregado de Educação nas tuas audições/concertos influenciou a tua motivação e a tua performance?”**

As palavras-chave são coragem, confiança, motivação, esforço.

Algumas das respostas dadas são:

- “A presença deles dava-me coragem”.
- “Como estava lá a minha família esforcei-me ao máximo”.
- “Sim, influenciou, porque motivou-me por isso me esforço mais o que ajuda-me na performance”. “ A presença dos meus pais nas minhas audições faz com que eu tenha vontade de me esforçar para fazer uma boa exibição.” Surge novamente o conceito de motivação. O aluno esforça-se por estar motivado pela presença do Encarregado de Educação e por isso a sua performance em palco melhora. Estes alunos abordam diretamente a vantagem que tem este papel do Encarregado de Educação neste contexto.
- “Sinto-me mais confiante daquilo que vou tocar e menos nervosa”

Claramente, a opinião do seu Encarregado de Educação e da família são muito importantes para os alunos questionados, visto que as respostas dadas refletem uma necessidade de mostrarem que são capazes.

Aqui surge novamente o conceito de motivação. Os alunos esforçam-se, motivados pela presença do Encarregado de Educação e por isso a sua performance em palco melhora. Estes alunos abordam diretamente a vantagem que tem este papel do Encarregado de Educação neste contexto.

Mas nem todas as respostas se associam a esta visão dos alunos. Houve respostas que abordaram o lado negativo, por exemplo, “Sinto-me com mais vergonha por tocar à frente deles”. Neste caso, o facto de alguém como o seu Encarregado de Educação ou os pais estarem a assistir é visto como um fator negatívor para a sua performance. Não há confiança. Uma das soluções é o aluno tentar tocar mais vezes para alguém. A família é um bom começo. Daí fazer audições em casa ter sido mencionada no questionário aos Encarregados de Educação.

A outra resposta traduziu-se por “Não influenciou em nada”. Menciono um caso que já surgiu evidenciado noutras análises anteriores. Um aluno que não está motivado, não tem gosto em tocar viola d’arco.

Gráfico 18 – É importante para ti continuar a ter essa influência, essa ajuda do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo?

Depois de questionar os alunos acerca das suas opiniões e experiências no contexto do tema deste Projeto, achei pertinente ficar a conhecer o que os alunos tiraram desta experiência em termos de continuidade para o resto da sua aprendizagem do instrumento. Se querem que os Encarregados de Educação mantenham este papel de participação e de influência e o porquê da sua escolha.

Todos os alunos disseram que sim. De facto, o papel do Encarregado de Educação no seu estudo, na sua autorregulação faz diferença para estes alunos. Querem continuar a ter o apoio, o incentivo, a motivação e a segurança que os seus Encarregados de Educação lhes conferem.

Esta questão seguiu-se, no questionário, a um pedido para justificar a sua escolha.

As palavras-chave destas respostas passam por incentivo, ajuda, apoio, motivação, organização. A motivação surge novamente como o conceito mais mencionado nas respostas.

Algumas das frases com mais impacto foram:

- “Assim sei o que tenho de estudar mais, o que tenho de aperfeiçoar e também me sinto mais acompanhada e apoiada.” “Porque para além de motivar, também me ajuda a tocar mais uma e outra vez, ajudando-me a ser assídua e tendo o estudo bem estruturado”.

- “É uma das formas de motivação durante o meu estudo”.
- Outra resposta que foi dada mostrou um lado menos positivo deste papel do Encarregado de Educação. A influência do Encarregado de Educação é positiva, mas a necessidade dos alunos não é. “Porque quando não vou estudar ele lembra-me que tenho de estudar” e “Porque se ele não me incentivasse, eu não estudava”. Nestes dois casos, é extremamente importante que o Encarregado de Educação assuma o papel incentivador e de controlo, para que o aluno entenda que tenha de estudar. Estão longe de serem autorregulados. O aluno autorregulado deve ter a iniciativa, porque compreende a necessidade do estudo e as suas evidentes vantagens.

Gostaria de sublinhar o conceito de motivação. Já foi mencionado diversas vezes durante este relatório, não só por mim, mas pelos alunos e pelos Encarregados de Educação. A motivação surge aqui como um processo mais forte no contexto do tema.

O aluno motivado estuda, quer ir mais longe. Alimenta-se do conhecimento que lhe é dado para alcançar objetivos, para ser melhor. O aluno motivado aprende e agarra-se a essa aprendizagem.

O Encarregado de Educação surge como detentor de um papel de apoio no seu estudo, não só do acompanhamento mas sim de um guia, de um professor em casa que o ajuda a entender o que faz bem e o que faz mal. O Encarregado de Educação ajuda o aluno a caminhar para um estudo autorregulado, no sentido em que ajuda o seu educando a entender os caminhos certos e os errados que percorre durante o seu estudo.

Apesar de, dos alunos intervenientes no Projeto, nenhum ser completamente autorregulado, têm, no seu contexto de estudo, alguém que os ajuda a ir nessa direção. Na escola têm os professores.

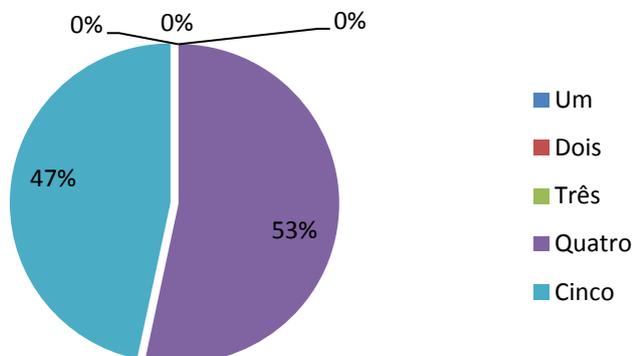
4.3.5. Questionários aos professores

Gráfico 19 – Como classifica a sua relação com os Encarregados de Educação dos seus alunos?

Para começar, é importante entender qual é a relação que o professor tem com os Encarregados de Educação dos seus alunos. Foram questionados quinze professores.

A escala vai de Um a Cinco, onde Um – Inexistente e Cinco – Boa relação, contacto permanente.

Como classifica a sua relação com os Encarregados de Educação dos seus alunos?



Todos os professores inquiridos mantêm uma boa relação com os Encarregados de Educação. Todos escolheram as classificações mais altas. Foi-lhes pedido para justificar o porquê de ter essas relações próximas.

As palavras-chave das respostas são apoio, necessidade, problemas, participação, acompanhamento, colaboração, sucesso.

Algumas das respostas mais pertinentes são:

- “O contacto com os Encarregados de Educação foi constante.(...) Esta comunicação tinha como assunto o rendimento, comportamento e momentos de avaliação formal dos alunos”.
- “Tenho o contacto com os Enc. Educação nas audições. Por vezes tenho a presença dos pais nas aulas, no caso do 1º ciclo. Nas situações urgentes, como a necessidade de supervisão do estudo, os Enc. Educação são prestáveis em dar esse apoio.”
- “Nas minhas práticas pedagógicas faço questão de implementar um sistema que envolve a participação ativa, em especial no acompanhamento do estudo em casa. Os pais são também convidados a assistir às aulas sempre que quiserem.”
- “Há uma boa relação e espírito colaborativo com os encarregados de educação, com uma comunicação mais regular no caso dos alunos do 1º ciclo.”
- “Para o sucesso educativo do aluno, principalmente do ensino artístico especializado é essencial uma boa relação com o Encarregado de Educação.”

Nestas repostas, três campos de estudo neste Projeto sobressaem:

- O papel que os Encarregados de Educação/pais podem assumir no trabalho de casa dos seus educandos (de apoio, acompanhamento, assitir às aulas, etc).
- O caso especial do 1º ciclo (segundo os professores inquiridos, requer mais atenção).
- O caso especial do ensino artístico especializado da música (exige um acompanhamento mais sistemático, mais atento).

O Encarregado de Educação é visto como o apoio ao aluno quando o professor não pode.

Quanto aos ciclos do ensino básico, vários professores mencionam o 1º ciclo como o que necessita mais de atenção nesta vertente.

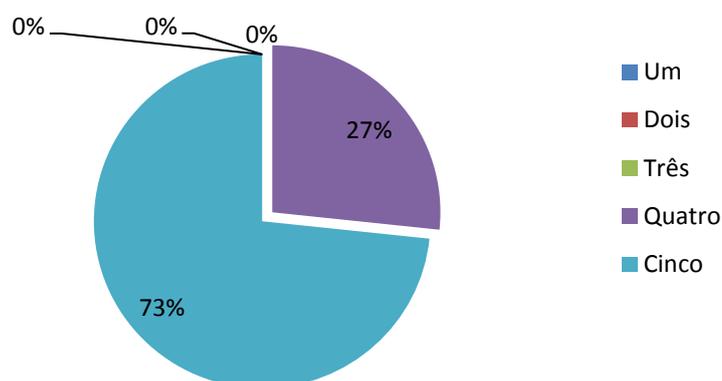
A participação dos pais na aula, é essencial para que estes tenham mais conhecimento do que podem fazer com os seus filhos.

Gráfico 20 – Como classifica a importância que pode ter o acompanhamento do Encarregado de Educação no estudo em casa do aluno?

Já foi mencionada o grau de comunicação que cada professor inquirido tem com os Encarregados de Educação dos seus alunos. Que importância atribuem ao acompanhamento que os Encarregados de Educação podem dar aos seus alunos?

Classificando de Um a Cinco, onde Um - Não é importante e Cinco – Essencial, os professores deram a sua opinião.

Como classifica a importância que pode ter o acompanhamento do Encarregado de Educação no estudo em casa do aluno?



A opinião predomina nas classificações mais altas (Quatro - 27%, Cinco - 73%). É unânime a importância que este acompanhamento seja uma presença no estudo dos seus alunos. Esta opinião continua a predominar nesta fase do Projeto.

Pedi, no questionário, que cada professor justificasse a sua escolha na resposta aqui analisada.

As palavras-chave destas respostas são motivação, consciência, experiência, essencial, controlo.

Algumas das respostas são bastante clarificadoras da importância dos Encarregados de Educação neste contexto:

- “O acompanhamento do Encarregado de Educação pode ser efetuada de diversas formas, dependendo da idade e autonomia do aluno, mas permanece essencial ao seu desenvolvimento e ao seu percurso.”
- “O acompanhamento por parte dos Encarregados de Educação é essencial. Valorizo muito o trabalho de equipa, isto é, professor, aluno e encarregado de educação, pois este trabalho potencia os resultados, a constante monitorização do trabalho e a consciência dos diferentes pontos de situação.”
- “No caso dos graus elementares é absolutamente necessário esse acompanhamento, uma vez que a autonomia dos alunos é reduzida. Assume um papel regulador do estudo e aprendizagem do educando. Nos graus mais avançados a importância reduz. No entanto os estímulos ao estudo por parte do Enc. Educação são essenciais.”
- “Penso que as diferenças entre os alunos que têm um acompanhamento activo dos pais e os que estudam sozinhos são claras, sendo que os alunos que têm os pais mais envolvidos são mais motivados e organizados. Absorvem os conteúdos propostos em aula mais rapidamente e vencem com maior facilidade os problemas técnicos que enfrentam.”
- “O Encarregado de Educação é fundamental no início de um percurso académico e em idades tão jovens, porque tem uma consciência maior sobre o rigor do método de estudo e sobre a regularidade ou não do trabalho de casa. Em muitos casos, se o Enc. Ed. não cria condições o aluno não estuda. Outro fator importante é a atitude, a postura e aquilo que os pais pensam sobre a música. Se os pais consideram a música um *hobbie* sem perspectiva de futuro profissional, o trabalho e o estudo dos alunos vai-se ressentir.”

- “O acompanhamento dado pelo E.E. ao aluno é fundamental para o seu desenvolvimento. Só o enc. de ed. é que pode controlar o tempo de estudo, ajudar o seu educando a criar hábitos de estudo regular e controlar a qualidade do estudo, aspectos fundamentais para o bom desenvolvimento técnico e musical.”

A visão dos professores inquiridos não fica longe dos alunos e dos Encarregados de Educação. A opinião dos professores tem um peso muito grande neste tema, porque podem medir com um juízo mais experiente dos resultados deste papel do Encarregado de Educação, pela sua experiência profissional e como alguém que passou pelo mesmo processo que os seus alunos passaram, quando estudavam ainda.

Os professores sublinharam que os Encarregados de Educação assumem no estudo dos seus educandos um papel de monitorização, ou seja, de controlo do estudo dos alunos. É um apoio para os alunos.

Há quem sublinhe ainda a diferença que vê entre o aluno que é acompanhado e o que não é. O aluno acompanhado é organizado e motivado e enfrentam com maior facilidade os problemas e desafios propostos na aula.

Nesta questão, os professores afirmam que o 1º ciclo é a fase da aprendizagem onde é mais notória esta dependência do aluno no estudo em casa. Que quanto mais autónomo (autorregulado) é o aluno, menos precisa deste acompanhamento. Mas não deixa de ser importante que este papel do Encarregado de Educação não desapareça completamente, apenas adopte um carácter mais leve.

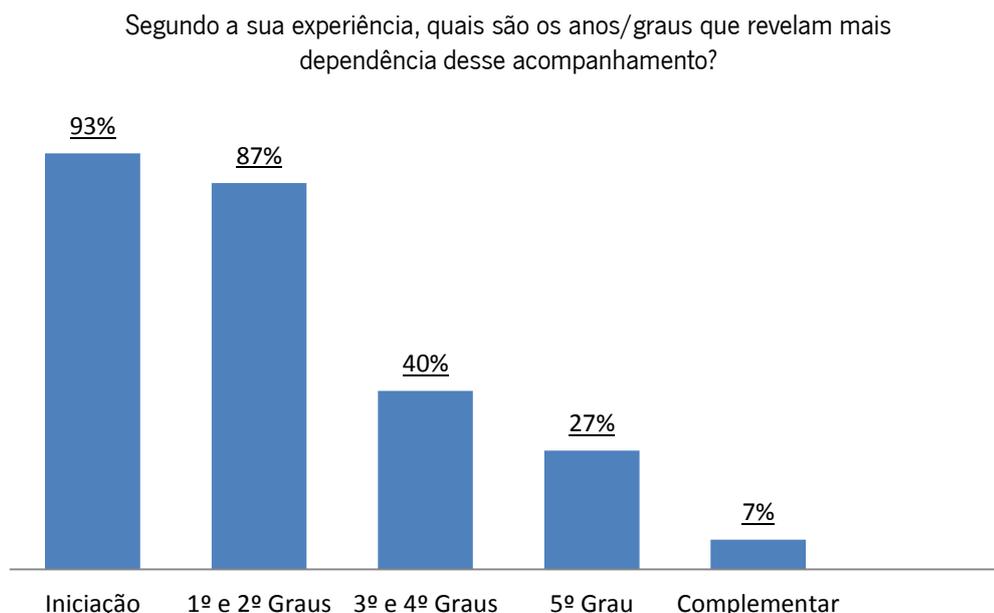
Outro assunto que foi mencionado foi a importância que possui a percepção que o Encarregado de Educação tem do ensino da música, da sua importância e o seu futuro. Se o Encarregado de Educação respeita a música, automaticamente será um bom incentivador e motivador para o seu educando. Caso contrário, o aluno não terá o apoio necessário para evoluir e crescer na sua aprendizagem.

São mencionados conceitos associados aos alunos autorregulados. Motivação, autonomia. “Absorvem os conteúdos propostos em aula mais rapidamente e vencem com maior facilidade os problemas técnicos que enfrentam.” Esta frase tem uma estreita relação com o processo de autorregulação.

Então, é unânime no grupo de professores questionados, que o Encarregado de Educação assume um papel essencial na autorregulação dos seus educandos.

Gráfico 21 – Segundo a sua experiência, quais são os anos/graus que revelam mais dependência desse acompanhamento?

Um dos temas discutidos neste Projeto é a diferença do papel do Encarregado de Educação nos três ciclos do ensino básico. Qual é ou quais são, para os professores, os ciclos ou os graus de aprendizagem que mais necessitam deste acompanhamento.



Como seria de esperar, a iniciação (1º ciclo) é o grau mais escolhido nesta questão (93%). Muitos professores já tinham mencionado que o 1º ciclo é onde os alunos necessitam mais de um acompanhamento dos seus Encarregados de Educação, porque não são autônomos e precisam de quem os ajude a compreender os passos que suportam um bom estudo. Apenas um professor não escolheu esta opção.

O 1º grau (5º ano) e o 2º grau (6º ano), ou seja, 2º ciclo, estão perto da iniciação na escolha dos professores (86,7%).

A partir do 3º e 4º graus (7º e 8º ano), as escolhas dos professores baixam bastante. 40% para 3º e 4º Grau, 26,7% para o 5º grau, ou 9º ano (estas duas últimas opções pertencendo ao 3º ciclo) e o Complementar, ou seja, o Secundário com 6,7%. Esta última opção foi escolhida por um professor apenas.

Então, o 1º ciclo e o 2º ciclo surgem, pela opinião dos professores, como os graus mais dependentes do acompanhamento dos Encarregados de Educação.

Pedi então para os professores justificarem as suas respostas.

As palavras-chave para este caso são motivação, controle, reforço, acompanhamento, incentivo.

- “Penso que o acompanhamento dos pais é muito importante no início da formação dos alunos. À medida que crescem e se vão habituando à regra e organização no estudo, os alunos vão criando mecanismos de auto-controle e de disciplina que lhes permitem estudar sozinhos e obter bons resultados.”
- “Penso que os graus até ao fim do ensino básico são mais dependentes do acompanhamento dos pais. No 1º ciclo, revela-se muito importante sobretudo na montagem e manutenção do instrumento. No 2º ciclo, este acompanhamento revela-se ainda muito importante uma vez que os alunos são muito infantis. No 3º ciclo, os alunos atravessam uma fase mais complicada do seu desenvolvimento, (na fase da pré-adolescência), pelo que, é importante que os pais controlem o estudo dos seus filhos. Relativamente ao ensino secundário, penso que os alunos já deverão ser mais independentes e responsáveis, uma vez que já fizeram uma opção “profissional”.”
- “Na Iniciação e 1º e 2º graus os alunos são ainda bastante pequenos e ainda não são autónomos o suficiente para cumprirem um estudo rigoroso. Além disso, a presença dos Encarregados de Educação é na maioria das vezes uma maior motivação para o aluno por não estudar sozinho. Nos 3º e 4º graus o acompanhamento é necessário uma vez que normalmente os alunos estão a passar por idades complicadas e problemáticas podendo afastar-se dos objectivos mais importantes nas suas vidas, que devem ser o cumprimento com sucesso dos seus estudos.”
- “Na minha opinião até ao 5º grau todos os alunos precisam de acompanhamento dos enc. de educação por diferentes motivos. Os alunos de iniciação necessitam, para além de um grande apoio no controle e qualidade do estudo, precisam também do incentivo e motivação para criarem um bom método de estudo e assim serem gratificados pelo seu esforço e evolução. Nos 3º, 4º, e 5º grau a idade dos alunos por norma é complicada o que muitas vezes implica um maior controle dos pais principalmente no que respeita ao tempo de estudo, sendo muitas vezes necessário que os enc. de edu. sejam supervisores de planos de estudos criados

pelos professores de forma a responsabilizá-los e tornando-os cada vez mais autónomos.”

Resumindo, no 1º ciclo os professores vêem o papel do Encarregado de Educação com um grau muito elevado de acompanhamento em todos os passos do estudo. É mesmo mencionado a manutenção do instrumento. Como ainda são muito pequenos, não têm a responsabilidade e a maturidade para estarem sozinhos neste processo. O 2º ciclo está um pouco dentro desta realidade, segundo os professores, porque o nível de maturidade permanece baixo nestas idades.

Ao 3º ciclo, os professores associam a transição da infância para a adolescência como uma das principais causas para a necessidade de um acompanhamento dos pais no seu estudo. O facto de estarem a passar uma fase difícil na vida pode levar os alunos a deixarem de lado os estudos e, assim, não evoluírem nem terem sucesso no seu crescimento como músicos. Por tal, os professores atribuem ao Encarregado de Educação um papel de incentivador e de controlo de estudo nestas idades, para que os alunos do 3º ciclo não se percam na sua progressão académica e para os guiarem para atingirem a sua autonomia no estudo, ou seja, alunos autorregulados.

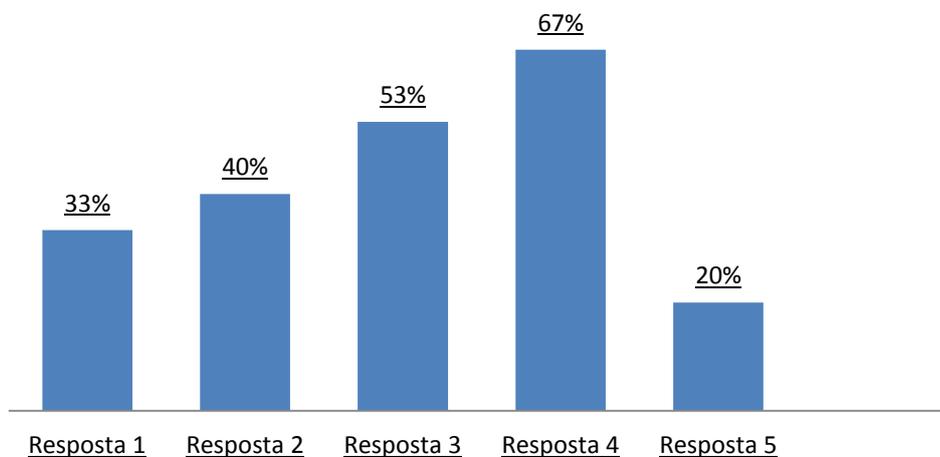
O nível complementar, ou secundário, os professores assumem que os seus alunos, como escolheram seguir a área da música, estão conscientes da necessidade de um estudo constante e regulado para o seu futuro, ou seja, assume-se que já são alunos autorregulados. Quero sublinhar que estamos aqui a falar de um contexto de ensino artístico especializado da música. Nesta fase, os alunos escolheram esta área como formação para um futuro no mundo da música.

Apenas estas respostas foram citadas por englobarem eficazmente as respostas de todos os professores questionados.

Gráfico 22 – Qual acha que deve ser o papel do Encarregado de Educação neste acompanhamento no estudo?

Procuró aqui entender qual a visão dos professores acerca do papel que os Encarregados de Educação no estudo dos seus alunos. Conhecendo de tão perto os efeitos deste acompanhamento nos alunos e na sua evolução, os professores podem julgar mais facilmente a melhor estratégia que os Encarregados de Educação podem assumir.

Qual acha que deve ser o papel do Encarregado de Educação neste acompanhamento no estudo?



Resposta 1 – Apenas incentivar o educando a estudar instrumento.

Resposta 2 – Controlar o estudo do educando em termos de tempo e quando deve estudar.

Resposta 3 – Incentivar o educando a estudar junto a si, estando atento ao seu estudo.

Resposta 4 – Fazer um acompanhamento de todo o seu estudo, conhecendo e ajudando o educando a entender as indicações do(a) professor(a) de instrumento e ajudando-o no que for possível, dando muita atenção a tudo o que tem de estudar.

Resposta 5 – Outro.

A resposta mais escolhida foi a que caracteriza o acompanhamento do Encarregado de Educação de uma forma mais minuciosa, seguindo passo a passo cada parte integrante do estudo do seu educando, ou seja, a resposta 4 (66,7%), escolhida por dez dos professores em quinze.

A resposta 3, onde o Encarregado de Educação tem um acompanhamento atento, onde ouve o aluno, mas não intervém da mesma forma meticulosa que na resposta líder das escolhas, segue de perto a resposta 4, com 53,3% de escolha entre os professores.

As respostas 1 e 2 foram menos escolhidas nesta questão. Sublinho que estas respostas dirigem-se a um contexto onde os Encarregados de Educação apenas assumem um papel incentivador e de controlo do estudo dos educandos. Estas duas respostas foram escolhidas isoladamente em apenas dois questionários.

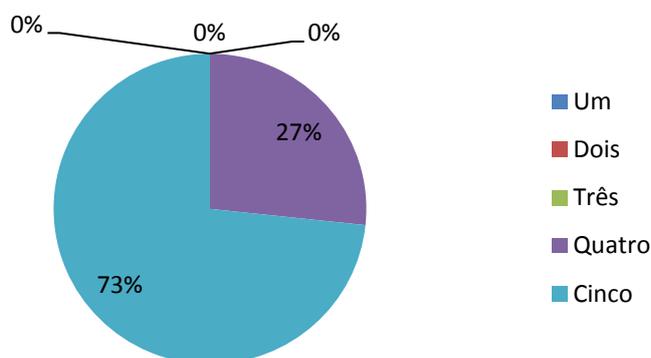
Na resposta onde os professores podiam dar uma resposta livre, apenas foram salientadas as respostas de escolha na mesma questão. Cito outras respostas pertinentes:

- “Incentivo o educando a por vezes controlar o tempo de estudo”. Aqui o professor incentiva os alunos a serem autónomos pelo menos no controlo do tempo. É uma forma de trabalhar a autorregulação do aluno.
- “Criar uma rotina de estudo”. Um incentivo para que estes atos sejam regulares no estudo.

Gráfico 23 – Como classifica a importância do contacto entre o professor e Encarregado de Educação, no sentido de incentivar a colaborar e participar no estudo dos seus alunos?

No sentido que tem tomado este questionário, o professor atribui como essencial o contacto entre ele e os Encarregado de Educação? As classificações vão de Um – Não é importante até Cinco – Essencial.

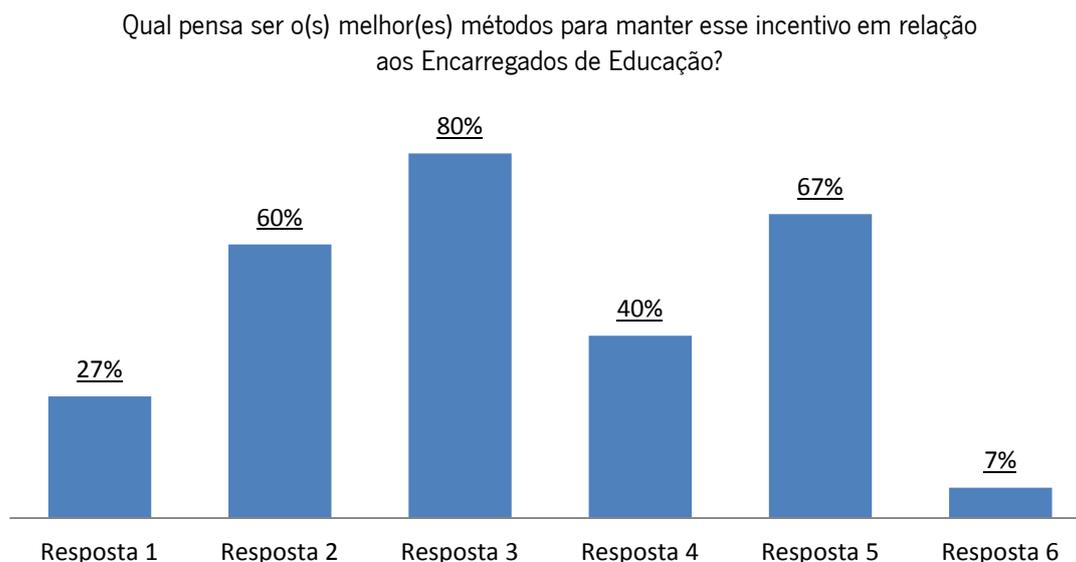
Como classifica a importância do contato entre o professor e Encarregado de Educação, no sentido de incentivar a colaborar e participar no estudo dos seus alunos?



Todos os professores atribuem um grau de grande importância a este contacto. Grande parte vê mesmo como essencial (73%). Era previsível, visto que até agora este papel do Encarregado de Educação foi sempre valorizado no estudo dos alunos destes professores.

Gráfico 24 – Qual pensa ser o(s) melhor(es) métodos para manter esse incentivo em relação aos Encarregados de Educação?

Qual é a melhor forma de comunicação com os Encarregados de Educação para os incentivar a assumir um papel ativo no estudo dos seus educandos?



Resposta 1 – Recados através de Caderneta do Aluno/caderno da disciplina.

Resposta 2 – Através da comunicação direta por telefone ou e-mail.

Resposta 3 – Tendo um registro diário, onde o professor descreve pormenorizadamente o que o aluno deve fazer quando estuda em casa, onde o aluno deve apontar o que fez e o tempo de estudo e o Encarregado de Educação deve assumir.

Resposta 4 – Recebendo os Encarregados de Educação na escola e falando do aspeto abordado pessoalmente.

Resposta 5 – Convidar o Encarregado de Educação a assistir e mesmo a participar na aula, no intuito de entender o que fazer e como ajudar o seu educando a ultrapassar as dificuldades.

Resposta 6 – Outro.

Uma percentagem elevada (80%) de professores escolheu a resposta 3, onde a comunicação é feita através de um registo diário controlado pelo professor e, idealmente, também controlado pelo Encarregado de Educação, onde o aluno pode ver o que tem de fazer para estudar.

A resposta 5, onde o professor convida o Encarregado de Educação a participar ativamente na aula, uma estratégia utilizada em alguns métodos para ajudar o Encarregado de Educação a assumir um papel ativo em casa no estudo do seu educando, é a segunda opção mais escolhida (66,7%), mas ainda com alguma diferença da primeira.

O contacto informal por telefone ou e-mail segue estas duas respostas com 60% de escolha entre os professores.

As respostas 1 e 4 foram as menos escolhidas com 26,7% e 40% respetivamente.

Na resposta 6, os professores afirmaram que:

- “Envolver os alunos e Enc. Educação num ambiente de cultura musical e consumo de música. incentivando a ida a Masterclasses, concertos e outras atividades foram do ambiente escolar. Fomentar a criação de referências e desenvolver a motivação”.
- “pratico todos esses métodos”.

O contacto descrito por estes professores revela um carácter mais informal e de proximidade com os Encarregados de Educação dos seus alunos. O professor de instrumento, normalmente, tendo aulas com apenas um aluno ou pequenos grupos, é normal que tenha uma relação mais próxima com o aluno e seu Encarregado de Educação, também pelas necessidades que foram referidas em questões anteriores deste inquérito (contacto permanente devido à necessidade do acompanhamento em casa, manutenção do instrumento, etc.).

O método mais escolhido é uma ótima forma de ajudar o aluno a caminhar para um autorregulação do seu estudo. Tendo o professor descrito o que o aluno deve fazer, é um auxílio importante para que o estudo esteja organizado e tenha os objetivos bem definidos. O facto de o Encarregado de Educação estar incluído neste método é como que um incentivador a que este assume um papel ativo no estudo do seu educando e que entenda como o deve fazer.

Foi pedido que os professores justificassem as suas escolhas.

As palavras-chave desta questão são proximidade, rápido, informação, ajuda, compreensão.

Algumas das respostas passam por:

- “No sentido de estimular a autonomia dos alunos, julgo útil que os alunos anotem o tempo de estudo e os itens do repertório em que o utilizaram. Devem ser capazes de reflectir sobre o seu trabalho de forma crescentemente crítica e construtiva. Os encarregados de educação devem controlar o rigor com que esse registo é feito, colaborando com o professor de acordo com as necessidades do aluno”.
- “A comunicação direta e o feedback do Encarregado de Educação é essencial e até uma boa ferramenta para o professor ir conhecendo outros aspetos do aluno; o registo escrito é uma forma de consciencializar o aluno do seu estudo e de o fazer refletir nas suas dificuldades e no seu percurso; e as aulas assistidas pelo Encarregado de Educação ajudam à compreensão do funcionamento da disciplina e à estruturação do estudo em casa.”
- “A opção para os encarregados de educação assistirem às aulas justifica-se mais nos alunos mais pequenos. O contacto direto por telefone e e-mail é de grande utilidade uma vez que desta forma o contacto é fácil e rápido. O registo diário é bastante útil para todos os anos de escolaridade, uma vez que tanto o aluno como E.E. podem reflectir sobre a evolução, ou não evolução, ao longo de todo o ano letivo. Além disso, os E.E. tem uma informação pormenorizada sobre as aulas e resultados dos seus educandos.”
- “Independentemente da forma o importante é que exista contacto entre professor e Encarregados de Educação.”
- “Estudar e fazer música deve ser algo que se faz com prazer. Para além disso é uma área extremamente sensorial e dependente de fatores psicológicos, por esse motivo penso que a melhor forma de incentivar os pais e os alunos é através de métodos de maior proximidade.”

Resumindo, o professor pretende ter um contacto direto e rápido com o Encarregado de Educação, para que o aluno usufrua de um acompanhamento de ambas as partes mais consciente, próximo e com resultados muito positivos para a evolução do aluno. Cada estratégia escolhida na resposta anterior assume papéis diferentes. O registo diário serve para o aluno, Encarregado de Educação e professor tenham conhecimento de todo o caminho que o aluno percorre. As outras estratégias envolvem um contacto próximo entre estes três agentes, para que haja uma compreensão e entajuda no desenvolvimento de estratégias e passos eficazes para o desenvolvimento do aluno.

5. Conclusão

O presente Relatório de Estágio visa relatar os resultados obtidos no estudo realizado acerca do tema O papel do Encarregado de Educação na autorregulação do aluno, contextualizado no ensino da música, mais especificamente no ensino do instrumento.

O Projeto foi aplicado no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, com os alunos intervenientes no Estágio Profissional e alunos da minha classe de viola d'arco do mesmo Conservatório.

Através dos métodos de recolha de dados e posterior análise dos mesmos, concluí que os Encarregados de Educação são vistos como agentes muito importantes, que devem ter um papel ativo no estudo dos seus educandos e que são necessários para educar o aluno para a autorregulação do seu estudo.

Os intervenientes questionados (alunos, Encarregados de Educação e professores) afirmaram, através das suas escolhas e respostas dadas, que associam ao Encarregado de Educação um papel incentivador para os alunos, papel motivador para que os alunos estudem e entendem a sua importância e tenham gosto em estudar, papel de estimular a noção de autoeficácia no aluno, comentando e dando ideias ao seu educando do que está a fazer bem, se está a ter sucesso no seu estudo e a crescer no seu conhecimento sobre si mesmo, o papel de apoio para que os alunos se sintam seguros e apoiados no seu estudo, um papel de controlo do estudo do aluno, como nos horários, nos dias que deve estudar, entre outros.

Através das suas intervenções, o Encarregado de Educação está a ajudar a crescer no seu educando o gosto pelo estudo, está a ajudar o aluno a sentir-se incentivado, motivado.

O aluno motivado, com noção autoeficaz, autónomo no seu estudo é um aluno autorregulado.

Os questionários foram um bom instrumento de recolha de dados, visto que permitiram que um grande número de opiniões fossem condensadas nesta conclusão abrangente sobre papel do Encarregado de Educação. Foi encorajador e valioso verificar que grande parte das opiniões e experiências dos intervenientes seguiam o mesmo caminho.

O problema que surge neste método é o facto de se ter de confiar na opinião, sem qualquer outro tipo de prova, ou seja, ao aplicar este método, tenho de confiar que todos os questionados reportaram a realidade. A vantagem que provém do contexto de aula de instrumento, é a de que, como professora, é mais fácil verificar a evolução do aluno e conhecer o seu contexto de estudo. Como fui comentando ao longo do desenvolvimento, existiram dois

casos em que este problema surgiu. Dois alunos não eram, ou muito raramente, acompanhados pelos Encarregados de Educação, cada um por razões diferentes. Os testemunhos, quer do aluno quer do Encarregado de Educação, não coincidiam em nenhum ponto dos questionários. Contudo, graças à relação entre aluno e professor de instrumento, foi possível verificar qual era o testemunho real.

Todos os intervenientes colaboraram ativamente e sem reservas, mostrando disponibilidade para tudo o que fosse necessário. Nem todos os alunos e Encarregados de Educação abordados para participar consentiram, mas essa realidade surgiu num número muito pequeno.

Apesar da literatura existente acerca da autorregulação ser bastante fértil, no ensino da música ela é escassa. Com este Projeto e atual Relatório de Estágio, procurei explorar este tema no contexto do ensino da música, julgando ser este um contributo importante tanto para Encarregados de Educação e seus educandos, assim como para professores.

A concretização do Projeto permitiu finalmente ter a noção clara de que o envolvimento do Encarregado de Educação no processo de estudo poderá ser um passo fundamental na autoregulação do estudante de música.

Um músico é autorregulado toda a vida. Portanto, como assinala Cavalcanti, “compreender o processo de auto-regulação da aprendizagem e aplicá-lo à sua prática pode significar sessões de prática mais eficientes e, conseqüentemente, um melhor desempenho, o que certamente beneficiará as crenças que o estudante tem de si como músico” (Cavalcanti, 2009, p. 126). O músico estuda, trabalha novas obras, novos contextos durante toda a sua vida, ou seja, está em constante aprendizagem. Autorregular o estudo desde que se é estudante é essencial para o sucesso futuro.

O Encarregado de Educação, devido à grande influência que tem na vida do seu educando, pode usar esse papel para o ajudar a alcançar o estudo autorregulado desejado, através de métodos diversificados, que se podem conhecer neste Relatório. Os professores procuram também que este papel ativo seja assumido pelos Encarregados de Educação dos seus alunos, justamente pelas vantagens que isso traz para a melhoria da sua prestação.

Tudo o que fazemos no ensino é para os alunos. Todos os professores e Encarregados de Educação devem unir forças para que o aluno tenha acesso a mecanismos que o ajudem a evoluir e a crescer. Juntos podem abrir portas para o desejado aluno autorregulado.

Referências bibliográficas

- Bronson, M. B. (2000). *Self-regulation in early childhood*. Nova York: The Guilford Press.
- Castro, M. A. (Maio de 2007). Processos de auto-regulação da aprendizagem: impacto de variáveis académicas e sociais. Braga: Universidade do Minho.
- Cavalcanti, C. R. (2009). *Auto-regulação e prática instrumental: um estudo sobre as crenças de auto-eficácia de músicos instrumentistas*. Curitiba: Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná.
- Creech, A. (2006). *Dynamics, harmony, and discord: A systems analysis of teacher-pupil-parent interaction in instrumental learning*. Londres: Institute of Education: University of London.
- Dias, D. P., & Simão, A. M. (2007). O conhecimento estratégico e a auto-regulação do aprendiz. In A. M. Simão, A. L. Silva, & I. Sá, *Auto-regulação da aprendizagem. Das concepções às práticas* (pp. 93 - 130). Lisboa: EDUCA.
- Duarte, M. d., & Simão, A. M. (2007). Aprendizagem estratégica e trabalhos para casa. In A. M. Simão, L. d. Silva, & A. Sá, *Auto-regulação da aprendizagem. Das concepções às práticas* (pp. 131 - 168). Lisboa: EDUca.
- Fernandes, M. d., & Simão, A. M. (2007). O Portfólio na educação de infância: estratégia de reflexão dos educadores e das crianças. In A. M. Simão, A. L. Silva, & I. Sá, *Auto-regulação da aprendizagem. Das concepções às práticas* (pp. 195 - 225). Lisboa: EDUCA.
- Freire, L. G. (2009). Criatividade, expressões artísticas e auto-regulação da aprendizagem: por uma educação que não corte asas. *Educação e Cidadania*, N°11, pp. 124 - 138.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Lourenço, A. A. (2007). *Processos Auto-Regulatórios em Alunos do 3º. Ciclo do Ensino Básico: Contributos da Auto-Eficácia e da Instrumentalidade*. Tese de Doutoramento em Educação, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Lourenço, L. P. (2008). *Envolvimento dos Encarregados de Educação na escola: concepções e práticas*. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências - Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, Lisboa.
- Maior, E. S. (n.d.). *Como se constrói um Inquérito?* Retrieved 2014 йил 9-Fevereiro from Minerva: www.minerva.uevora.pt/bib-es-campo-maior/
- Maria João Ferreira, P. C. (n.d.). XI - O inquérito estatístico. *Dossiês Didáticos*.
- Paula, M. A., & Silva, L. d. (2007). A avaliação do ambiente familiar e o seu papel na competência escolar das crianças: adaptação do inventário HOME. In A. M. Simão, L. d. Silva, &

I. Sá, *Auto-regulação da aprendizagem. Das concepções às práticas* (pp. 169 - 193). Lisboa: EDUCA.

Reis, M. P. (2008). *A Relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.

Rosário, P. S. (2001). Diferenças processuais na aprendizagem: avaliação alternativa das estratégias de auto-regulação da aprendizagem. *Psicologia, Educação e Cultura*, V, N^o1, pp. 87 - 102.

Rosário, P., Costa, J. C., Mourão, R., Chaleta, E., Grácio, M. L., Nuñez, J. C., et al. (2007). De pequenino é que se auto-regula o destino. *EDUCAÇÃO. Temas e Problemas*, N^o4, pp. 281 - 293.

Rosário, P., Mourão, R., Soares, S., Chaleta, E., Grácio, L., Simões, F., et al. (2005 йил Set./Dez.). Trabalho de casa, Tarefas escolas, Auto-regulação e envolvimento parental. *Psicologia em Estudo vol. 10*, pp. 343 - 351.

Simão, A. M., Silva, A. L., & Sá, I. (2007). Introdução. In A. M. Simão, A. L. Silva, & I. Sá, *Auto-regulação da aprendizagem. Das concepções às práticas* (pp. 7 - 13). Lisboa: Educa.

Zimmerman, B. J., Bonner, S., & Kovach, R. (2003). *Developing Self-Regulated Learners*. Washington: American Psychological Association.

Documentos

Projeto Educativo do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga.
Regulamento Interno do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga.

Página Web

Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. (s.d.). Obtido em 19 de Setembro de 2014, de Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga: <http://www.conservatoriodebraga.pt/?id=19>

Anexos

Anexo 1 – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação para a utilização dos dados dos alunos dos questionários no Relatório de Estágio



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Ensino de Música - Estágio Profissional

2013 - 2014

Exmo./a Sr./a Encarregado/a de Educação,

O meu nome é Ângela Teles e sou professora de Viola d'arco no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. Atualmente frequento o Mestrado em Ensino de Música na Universidade do Minho.

Neste âmbito estou a realizar um estudo acerca do papel do Encarregado de Educação na autorregulação do aluno.

Para o desenvolvimento desta investigação necessito de aplicar dois questionários aos alunos de viola d'arco. A fim de minorizar o impacto do questionário no decorrer das normais actividades dos alunos o questionário será aplicado nos seguintes momentos:

- No início de uma das aulas dadas por mim, ocupando apenas 5 minutos da aula.
- No final do meu estágio profissional, no intuito de finalizar o estudo em causa. Não irá interferir de forma nenhuma com as aulas do seu educando.

Solicito assim a sua autorização para que o seu/sua educando/a participe neste estudo.

Peço também a sua colaboração, respondendo a um inquérito que acompanha este documento, sublinhando que a visão do Encarregado de Educação acerca deste tema é essencial para o estudo que decorrerá.

Saliento que os dados serão de todos os inquéritos, quer dos alunos, quer dos Encarregados de Educação, serão anónimos e apenas usados para o propósito da investigação estando garantida a total privacidade dos participantes.

Ofereço ainda a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que possa surgir.

Na expectativa de uma resposta favorável, agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade.

Ângela Teles, Professora de Viola d'Arco
(angelarmteles@gmail.com)

Eu, _____ Encarregado/a de Educação do aluno/a do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, autorizo o meu educando/a a participar no questionário anónimo acima referido inserido na investigação acima apresentada pela professora Ângela Teles.

Data: ____/____/2014

(Assinatura do Encarregado/a de Educação)

Anexo 2 – Questionário Inicial aos alunos



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Ensino de Música - Estágio Profissional

2013 - 2014

Idade: _____ Ano: _____ Grau: _____

- Em média, quantas vezes estudas viola d'arco por semana?

1 a 2 dias		3 a 4 dias		5 a 6 dias		6 a 7 dias	
------------	--	------------	--	------------	--	------------	--

- Em média, quanto tempo estudas viola d'arco por dia?

<30 minutos		Entre 30 minutos e 1 hora		1 hora		1 hora <	Quanto?
-------------	--	---------------------------	--	--------	--	----------	---------

- Quem é o teu Encarregado de Educação?

Pai		Mãe		Outro		Qual?
-----	--	-----	--	-------	--	-------

- O teu Encarregado de Educação costuma participar no teu estudo de viola d'arco?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- Se não é o teu Encarregado que participa no teu estudo de viola d'arco, quem participa? _____

- Se o teu Encarregado de Educação/Outro não participa, alguma vez participou?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- Até quando participou no teu estudo de viola? _____

- Quem tem a iniciativa que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo de viola d'arco?

Eu tenho a iniciativa de pedir ao meu Encarregado de Educação.		O meu Encarregado de Educação tem a iniciativa de colaborar.	
--	--	--	--

- Como é que o teu Encarregado de Educação/Outro participa no teu estudo de viola d'arco?

Diz-me quando devo estudar.	
Ajuda-me a marcar um horário de estudo e controla o tempo que estudo.	
Está comigo enquanto estudo e ouve-me a tocar.	
Vê comigo as indicações para o trabalho de casa e ajuda-me a entender o que está bem e o que estou a fazer mal, ou seja, acompanha-me durante todo o tempo que estou a estudar.	
Apenas quando tenho dúvidas e lhes peço ajuda.	
Outra opção:	

- Achas importante que o teu Encarregado de Educação/Outro participe no teu estudo?

Sim		Não		É indiferente	
-----	--	-----	--	---------------	--

- Justifica a tua escolha.

Anexo 3 – Questionário aos Encarregados de Educação



Mestrado em Ensino de Música - Estágio Profissional

2013 - 2014

Universidade do Minho
Instituto de Educação

- Que nível de importância atribui ao acompanhamento dado pelo Encarregado de Educação no estudo de viola d'arco do seu educando?

Não é importante	1	2	3	4	5	Essencial
------------------	---	---	---	---	---	-----------

- Justifique.

- Assume um papel ativo no estudo de viola d'arco do seu educando?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- O seu educando costuma ter a iniciativa para estudar viola d'arco?

Sempre		Algumas vezes		Raramente		Nunca	
--------	--	---------------	--	-----------	--	-------	--

- O seu educando faz pequenas audições em casa, como parte de uma preparação para tocar para um público e para mostrar o seu trabalho?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- Como participa no estudo de viola d'arco do seu filho?

Apenas o incentivo a estudar.	
Controlo o seu estudo em termos de tempo e quando deve estudar.	
Incentivo o meu educando a estudar perto de mim, estando atento(a) ao que ele(a) toca.	
Faço um acompanhamento de todo o seu estudo, conhecendo e ajudando o meu educando a	

entender as indicações do(a) professor(a) de Viola d'Arco e ajudando-o no que for possível, dando muita atenção a tudo o que tem de estudar.	
Outro:	

- Participando ativamente no estudo do seu educando, sente que essa participação tem alguma importância no empenho e estima do seu educando?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- Sente diferença quando participa no estudo de viola d'arco do seu filho e quando não participa?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- Como caracteriza, baseado na sua experiência, a influência do Encarregado de Educação no estudo de instrumento de um aluno?

Anexo 4 – Questionário semanal aos alunos



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Ensino de Música - Estágio Profissional

2013 - 2014

- O teu Encarregado de Educação/Outro participaram no teu estudo de viola d'arco desta semana?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- Como é que o teu Encarregado de Educação/Outro participou no teu estudo?

Apenas me incentivou a estudar.	
Ouviu-me a estudar.	
Apenas controlou o meu tempo de estudo.	
Viu o meu trabalho de casa no diário da aula e ajudou-me a estudar, a compreender as atividades que o(a) professor(a) me mandou fazer e a organizar o meu estudo, estando sempre comigo enquanto eu estudo.	
Outro:	

- Achas que foi importante a participação do teu Encarregado de Educação/Outro no estudo da viola d'arco?

Sim		Não		É indiferente	
-----	--	-----	--	---------------	--

- Caso não tenhas tido ajuda do teu Encarregado de Educação/Outro, achas que teria sido útil a sua ajuda?

Sim		Não		É indiferente	
-----	--	-----	--	---------------	--

Anexo 5 – Questionário final aos alunos



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Ensino de Música - Estágio Profissional

2013 - 2014

Idade: _____ Ano: _____ Grau: _____

1. Agora que chegamos ao final do ano, como classificas a importância que o teu Encarregado de Educação teve no teu estudo de instrumento?

Sem importância	1	2	3	4	5	Essencial
-----------------	---	---	---	---	---	-----------

2. Em que aspeto(s) pensas que foi importante a influência do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo da viola d'arco?

Senti-me apoiado.	
Ultrapassei dificuldades e dúvidas que fui tendo ao longo do meu estudo.	
O meu estudo foi bem estruturado e assíduo.	
Não teve qualquer importância.	
Outro	

3. O acompanhamento do teu Encarregado de Educação/Outro foi constante este ano letivo?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

4. Se a tua resposta foi não, justifica.

5. O teu Encarregado de Educação assistiu às tuas audições/concertos?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

6. Como é que a presença dos teus Encarregados de Educação e pais nas tuas audições/concertos influenciou a tua motivação e a tua performance?

7. É importante para continuar a ter essa influência, essa ajuda do teu Encarregado de Educação/Outro no teu estudo?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

8. Porquê?

Anexo 6 – Questionário aos professores



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Ensino de Música - Estágio Profissional

2013 - 2014

1. Como classifica a sua relação com os Encarregados de Educação dos seus alunos?

Inexistente	1	2	3	4	5	Boa relação, contacto permanente
-------------	---	---	---	---	---	----------------------------------

2. Justifique a sua resposta.

3. Como classifica a importância que pode ter o acompanhamento do Encarregado de Educação no estudo em casa do aluno?

Não é importante	1	2	3	4	5	Essencial
------------------	---	---	---	---	---	-----------

4. Justifique a sua resposta.

5. Segundo a sua experiência, quais são os anos/graus que revelam mais dependência desse acompanhamento?

Iniciação	
1º e 2º grau	
3º e 4º grau	
5º grau	
Complementar	

6. Justifique a sua resposta.

7. Qual acha que deve ser o papel do Encarregado de Educação neste acompanhamento no estudo?

Apenas incentivar o educando a estudar instrumento.	
Controlar o estudo do educando em termos de tempo e quando deve estudar.	
Incentivar o educando a estudar junto a si, estando atento ao seu estudo.	
Fazer um acompanhamento de todo o seu estudo, conhecendo e ajudando o educando a entender as indicações do(a) professor(a) de instrumento e ajudando-o no que for possível, dando muita atenção a tudo o que tem de estudar.	
Outro:	

8. Como classifica a importância do contacto entre professor e Encarregado de Educação, no sentido de incentivar a colaborar e participar no estudo dos seus alunos?

Não é importante	1	2	3	4	5	Essencial
------------------	---	---	---	---	---	-----------

9. Qual pensa ser o(s) melhor(es) métodos para manter esse contacto e esse incentivo em relação aos Encarregados de Educação?

Recados através de Caderneta do Aluno/caderno da disciplina.	
Através da comunicação direta por telefone ou e-mail.	
Tendo um registo diário, onde o professor descreve pormenorizadamente o que o aluno deve fazer quando estuda em casa, onde o aluno deve apontar o que fez e o tempo de estudo e o Encarregado de Educação deve assinar.	
Recebendo os Encarregados de Educação na escola e falando do aspeto abordado pessoalmente.	
Convidar o Encarregado de Educação a assistir e mesmo a participar na aula, no intuito de entender o que fazer e como ajudar o seu educando a ultrapassar as dificuldades.	
Outro:	

10. Justifique a(s) sua(s) escolha(s).
